

ANUÁRIO

2014

6

**DA IGREJA, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE
NOS ESPAÇOS INSULARES ATLÂNTICOS
A PARTIR DA MADEIRA**

ALBERTO VIEIRA

ANUÁRIO 2014

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

ISSN: 1647-3949, FUNCHAL, MADEIRA (2014)

PP. 9 - 47



CEHA
CENTRO DE ESTUDOS DE
HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

DA IGREJA, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE NOS ESPAÇOS INSULARES ATLÂNTICOS A PARTIR DA MADEIRA

ALBERTO VIEIRA, SRCTT/CEHA-MADEIRA

ALBERTO VIEIRA. N.1956. S. Vicente Madeira. Títulos Académicos e Situação Profissional: 2013.Director de Serviços do CEHA; 2008- Presidente do CEHA, 1999 - Investigador Coordenador do CEHA; 1991-Doutor em História (área de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa), na Universidade dos Açores; 1980. Licenciatura em História pela Universidade de Lisboa. ACTIVIDADE CIENTIFICA. Pertence a várias academias da especialidade e intervém com consultor científico em publicações periódicas especializadas. É Investigador-convidado dos CLEPUL-Lisboa. PUBLICAÇÕES. Tem publicado diversos estudos, em livros e artigos de revistas e atas de colóquios, sobre a História da Madeira e dos espaços insulares atlânticos. Destes apenas se referenciam os mais importantes e que foram publicados em livro: O Bordado da Madeira, Funchal, Bortal (com edição em inglês), 2005- A freguesia de S. Martinho, 213pp, 2005-JOÃO HIGINO FERRAZ. Copiadores de Cartas (1898-1937), de colaboração com Filipe dos Santos, 418pp, 2005-Açúcar, Melaço, Álcool e Aguardente. Notas e Experiências de João Higinio Ferraz (1884-1946), de colaboração com Filipe dos Santos, 636pp, 2005-A Vinha e o Vinho na História da Madeira. Séculos XV-XX, Funchal, CEHA, 585pp, 2001: História da Madeira [coordenação de manual de apoio ao ensino], 399pp. 2001: Autonomia da Madeira. História e Documentos [cdrom], 2001:Associação dos Bombeiros Voluntários Madeirenses. Breves Apontamentos Históricos, ABVM. 131Pp, 2001: A Nau Sem Rumo, NSR. 87pp, 1999: Do Éden à Arca de Noé - o Madeirense e o quadro natural, Funchal, 330pp, 1999: As Luzes da Festa, SIRAM, 119pp, 1998: CDROM: Obras clássicas de Literatura del Vino, compilação de livros e introdução, Madrid, Fundación Historica Tavera, 1998: Las Islas Portuguesas, compilação de livros e introdução, Madrid, Fundación Historica Tavera, 1998: O Vinho da Madeira (com Constantino Palma), Lisboa, 143pp, 1998:O Açúcar, Expo 98. Pavilhão da Madeira, 64pp, 1998: O Vinho, Expo 98. Pavilhão da Madeira, 64pp, 1998: Público e o Privado na História da Madeira. II. As cartas particulares de João de Saldanha, Funchal. CEHA, 224pp, 1997: Vicente Um Século de Vida Municipal (1868-1974), Funchal. 167pp, 1997: CDROM: Elucidário Madeirense de Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, coordenação da edição, Funchal, CEHA, 1997:Publico e o Privado na História da Madeira. I. As cartas particulares de Diogo Fernandes Branco, Funchal. CEHA, 273pp, 1996: A Rota do Açúcar na Madeira, de Colaboração com Francisco Clode, Funchal, 220pp, 1995: Guia para a História e Investigação das ilhas Atlânticas, Funchal, 414pp, 1993: História do Vinho de Madeira. Textos e documentos, Funchal, 431pp, 1992: Portugal y Las Islas del Atlántico, Madrid, 316 pp, 1991: Os Escravos no Arquipélago da Madeira. Séculos XV-XVII, Funchal, 544pp, 1989-1990: Breviário da Vinha e do Vinho na Madeira, Ponta Delgada, 79pp +115pp, 1987: O Arquipélago da Madeira no século XV, Funchal (de colaboração com o Prof. Dr. Luís de Albuquerque). 73Pp, 1987: O Comércio Inter-Insular (Madeira, Açores e Canárias). Séculos XV-XVII, Funchal, 228pp.

...porque o homem que vive, dia e noite, entre mar e céu, vive mais com o infinito, sente um desamparo maior e precisa mais de um Deus. Ferreira de Castro, *Eternidade*, 1977: 117)

...a superstição diz e rediz(...) que as bruxas se encontram com o diabo, à meia noite em ponto, para os conselhos maléficos.

Maria Lamas, *Madeira Maravilha Atlântica*, 1956: 75

“Mandei fazer um barquinho/Da casca de pau de aderno,/Para embarcar o diabo, /Da Madeira p’ró Inferno “

SANTOS, Carlos M., *Trovas e bailados da Ilha estudo do folclore musical da Madeira*.
Funchal:1942, 138.

RESUMO

Os primórdios do assentamento e organização da igreja nos espaços insulares parece não estar ainda devidamente esclarecido. Daí este breve ensaio em que nos propomos entender essa organização da religiosidade, tendo, por base, a situação da Madeira. Por outro lado, importa saber em que medida a Madeira funcionou como ponto de partida e referência para as estruturas institucionais que definiram a igreja no então Novo Mundo, que, por algum tempo estiveram sob a sua dependência. Torna-se ainda importante a data exata da criação da primeira diocese do mundo atlântico.

Ao contrário do que se tem afirmado o Funchal foi apenas a sede do primeiro bispado e arcebispado insular do império português, pois antes tivemos outros bispados que reivindicaram o governo destas terras. Esta condição de bispado (1514-1533) e arcebispado (1533-1551) tendo como sufragâneas as dioceses da Terceira, S. Tiago de Cabo Verde, S. Tomé, e Santa Catarina de Goa deverá ter criado uma teia de relações, que nos escapam uma vez que não dispomos de documentação que informe sobre isso. Será que a matriz madeirense, que funcionou de forma evidente com as instituições e jurisdição civil teve também lugar em termos das estruturas jurisdicionais da igreja nos novos espaços e bispados?

Por outro lado importa refletir sobre a espiritualidade dos espaços insulares. Queremos apenas abrir um espaço de debate e reflexão para futuras abordagens, ao mesmo tempo que se pretende apelar aos investigadores interessados nos temas da religiosidade e espiritualidade, a uma diferente atenção na sua abordagem, quanto às ilhas.

Palavras-chave: Bispado, Diocese, Espiritualidade, Funchal, Igreja, ilhas, Madeira, Ordem de Cristo, Religiosidade

Segundo Francisco Alcoforado foi a dois de Julho de 1420 que João Gonçalves Zarco desembarcou no vale de Machico para se apropriar da nova terra, em nome do rei, e proceder à sua apropriação e sagração para Cristandade Ocidental, com o ato de assentar a cruz de madeira e de rezar a primeira missa. Em Maio do ano seguinte, o mesmo navegador regressou à ilha com três navios e a disposição de proceder ao povoamento. De novo o desembarque em Machico e “a primeira cousa que fez foy traçar huma igreja de *Invocação de Xpo...*”. Seguiu-se, depois, o reconhecimento da costa para posterior assentamento de colonos, sendo todos estes atos precedidos da construção de uma igreja ou ermida. No Funchal tivemos as capelas de Santa Catarina e a de Nossa Senhora do Calhau, considerada por Francisco Alcoforado como *a prymeyra casa de jgreja que se fez na ilha*.

Na Madeira sabemos que o povoamento e a organização da estrutura eclesiástica, foram concretizados de acordo com um plano definido, pois Jerónimo Dias Leite refere que o objetivo dos primeiros madeirenses era *pôr em obra a edificação das igrejas e das vilas e lugares e lavrança de terras*. Com a doação régia de 26 de Setembro 1433¹ ao infante, na qualidade

de mestre da Ordem de Cristo, ficou atribuída a capacidade de administração na religiosidade do novo espaço. O Vigário de Tomar, local sede da ordem, foi quem, em nome do infante, estabelecia a estrutura religiosa, provendo os ministros, ficando a arrecadação dos dízimos eclesiásticos a cargo do almoxarife do infante². Para cada capitania foi nomeado um vigário, que dependia diretamente do de Tomar, tendo como função administrar no recinto da sua jurisdição. Esta situação perdurou por todo o governo do infante D. Henrique, uma vez que em 1461³ uma das exigências dos moradores do Funchal era o aumento do clero, de modo que fosse assegurado o serviço religioso aos moradores de Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta de Sol e Arco da Calheta. Ora, sendo assim seremos obrigados em por causa todas as teses que apontam para criação de diversas paróquias em 1450.

ILHAS E IGREJAS. Desde o início da ocupação do arquipélago da Madeira, que o próprio infante D. Henrique preocupou-se com a administração religiosa do arquipélago, ordenando a construção de igrejas e capelas, conforme se deduz do seu testamento de 1460: *Item estabeleci e ordenei a principal igreja de Sta Maria da ilha da Madeira e dehi em diante as outras que si ordenaram, e item estabeleci hi da ilha do Porto Santo e Igreja de Ilha Deserta (...)*⁴.

As sedes das capitanias, em data que desco-

¹ D. Duarte *pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve e senhor de Ceuta*. *A quantos esta carta virem fazemos saber que nós por serviço de Deus e honra de Cristo e por o infante D. Henrique meu irmão regedor e governador da dita ordem que nos requerem, outorgamos e damos à dita ordem, deste dia para todo sempre, todo o espirital das nossas ilhas da Madeira e do Porto Santo e da ilha Deserta que agora novamente o dito infante por nossa autoridade povoa assim pela guisa que o há em Tomar reservando que fique para nós e para a coroa dos nossos reinos o foro e o dizimo de todo o pescado que nas ditas ilhas se matar que queremos que nos paguem. E isto fique para nós e para todos nossos sucessores. Todos outros direitos reais. E por certidão disto lhe mandamos dar a nossa carta assinada por nós e selada do nosso selo de chumbo. E pedimos ao padre santo que haja a sua santidade outorgar e confirmar à dita ordem de Cristo as ditas ilhas pela guisa acima dita. Dada em Sintra 26 dias de Setembro o rei o mandou Lopo Afonso a fez era de 1433 anos.* [Publ. João M. da Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses*, vol.

I, Lisboa, 1988, p.273].

² Fernando Jasmins PEREIRA, “Bens Eclesiásticos - Diocese do Funchal” in *Estudos sobre História da Madeira*, Funchal, 1991, pp. 325-327.

³ RGCMF, T. I, fls. 204-209, publ. AHM, XV, pp. 11-20. Aí refere-se: *Em esa parte da ylha ho sennor ynfante meu padre que Deos aja nunca pos mays de hum capellam porque emtam a gente era pouca E agora be em mays multiplicaçam asy que hum soo capellam nom pode abrajer a todollos logares...*

⁴ J. M. Silva MARQUES, *ob. cit.*, I, p. 590.

nhecemos tiveram o primeiro vigário que, depois, o progresso e a consequente pressão do movimento demográfico conduziram ao aparecimento de novas igrejas e paróquias. O templo religioso era o ponto de divergência do processo de povoamento e foi em torno dele que surgiram as primeiras habitações de madeira para dar abrigo aos colonos. Daqui resultou a importância adquirida pela igreja em todo o processo. De acordo com a doação régia de 26 de Setembro 1433⁵ o infante, como mestre da Ordem de Cristo, recebeu também a capacidade de intervenção no novo espaço. O Vigário de Tomar, local sede da ordem, era quem, em nome do infante, estabelecia a estrutura religiosa, provendo os ministros. Apenas a arrecadação dos dízimos eclesiásticos permanecia a cargo do almoxarife do infante⁶.

No período de 1433 a 1494 as administrações civis e religiosas estavam a cargo do mestre da Ordem de Cristo que, no caso da alçada religiosa, determinava a sua superintendência pelo vigário da vila de Tomar. De acordo com a bula de 1456 as novas áreas atlânticas eram consideradas *nullius diocesis*, estando dependente apenas daquele vigário. Desta forma gerou alguma polémica o breve de Paulo II, de 28 de Fevereiro de 1468, em que integrava as ilhas na diocese de Tanger. Não obstante o seu bispo, D. Nuno Rodrigues de Aguiar pertencer a família dos capitães do Funchal esta medida mereceu o desagrado de todos, com protestos do Vigário de Tomar e da Infanta D. Beatriz em 1472. Recorde-se que era o Vigário de Tomar quem determinava a construção das primeiras igrejas e nomeava os prelados para o serviço religioso. A alçada do vigário de Tomar sobre as ilhas continuou até 1514, altura em que foi criado o bispado com sede no Funchal. Todavia por bula de 8m de julho de 1539 o Mestre da Ordem de Cristo continuará a ter poder de apresentar os novos bispos destas dioceses.

Em termos da jurisdição eclesiástica da ilha teremos que para cada capitania foi nomeado um vigário, que dependia diretamente do de Tomar, tendo como função administrar a espiritualidade da jurisdição. Destes apenas se conhece o nome dos de Machico e Funchal, respetivamente Frei João Garcia e João

Gonçalves. Parece que a situação perdurou por todo o governo do infante D. Henrique, uma vez que em 1461⁷ uma das exigências dos moradores do Funchal era o aumento do clero, de modo que fosse assegurado o serviço religioso aos moradores de Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponta de Sol e Arco da Calheta⁸.

Quanto aos diversos templos religiosos, que foram erguendo os povoadores em toda a ilha, neste período, não existe consenso entre os diversos historiadores nem dados que abonem com segurança a data exata de construção⁹. É de salientar que a tradição veiculada por Álvaro Rodrigues de Azevedo¹⁰ e Pe. Fernando Augusto da Silva¹¹ apresenta algumas paróquias criadas em 1430, 1440 e 1450. Não sabemos em que se fundamenta tal ideia, uma vez que nas reclamações dos moradores do Funchal em 1461, documento já citado, refere-se a existência de um só capelão que dizia missa no Funchal¹². Perante as reclamações dos moradores do Funchal somos levados a afirmar que as diversas paróquias, que secundaram as primeiras na sede de cada capitania, são posteriores a esta data. A importância adquirida pelos canaviais, que arrasta as populações, conduz ao aparecimento de novas paróquias na vertente sul¹³.

OS FRANCISCANOS E CONFLITOS POR ILHAS. A Igreja ergue-se envolta em interesses políticos pela partilha do Atlântico. Atente-se ao desagrado do infante D. Henrique face à pretensão dos franciscanos, oriundos das Canárias se fixarem na ilha, o que obrigaria a que ficassem subordinados ao vigário da província, tal como o estabelecia a letra “dum ad prella-

5 J. M. Silva MARQUES, *ob. cit.*, I, p. 273, 400.

6 Fernando Jasmins PEREIRA, “Bens Eclesiásticos - Diocese do Funchal” in *Estudos sobre História da Madeira*, Funchal, 1991, pp. 325-327.

7 RGCMF, T. I, fls. 204-209, publ. AHM, XV, pp. 11-20: *Em esa parte da ylha ho senhor ynfante meu padre que Deus aja nunca pos mays de hum capellam porque emtam a gente era pouca E agora he em mays multiplicaçam asy que hum soo capellam nom pode abrajer a todollos logares...*

8 Deste modo não entendemos que certa tradição teime em afirmar a criação de novas freguesias antes desta data. Aliás a muitas das paróquias a data que lhes é atribuída no *Elucidário Madeirense* não corresponde sempre à verdade, uma vez que o autor se baseou em muitos casos nas indicações do tombo da Provedoria da Fazenda.

9 Confronte-se Padre Fernando Augusto da SILVA, *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, Funchal, 1946, pp. 22-35, 299-376; Padre Manuel Juvenal Pita FERREIRA, *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante de 1420 a 1460*, Funchal, 1859, pp. 308-352.

10 “Notas”, *Saudades da Terra*, Funchal, 1873, pp.534-566.

11 *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, pp.22-35.

12 EM 1466 continua a referir-se só um vigário (RGCMF, I, fls. 216-219v1, publ. AHM, XV, pp. 36-40).

13 Cf. Susana Munch Miranda, “Para a História da Estrutura Eclesiástica da Ilha da Madeira (Segunda Metade do Século XVI). Cóngruas, Paróquias e Paroquianos”, in *III CIHM*, Funchal, 1993, pp. 541-556.

ra” do papa Nicolau V em 10 de Dezembro de 1450¹⁴. Isto foi entendido como uma ingerência aos direitos adquiridos pela Ordem de Cristo e uma afronta, tendo em conta o empenho do infante na conquista de algumas das Canárias. Estes haviam-se fixado no arquipélago vizinho desde 1436, mediante autorização do Papa Eugénio IV.

Por outro lado, a situação, posterior ao início do povoamento da Madeira, desagradou aos franciscanos, que haviam acompanhado os primeiros povoadores. Alguns desentendimentos com o vigário de Tomar conduziram a que em 1459 abandonassem a Madeira, fixando-se em Xabregas. A saída poderá ser considerada como uma forma de represália por parte do infante D. Henrique em face da subordinação ao vigário-geral ilhas Canárias, como postulava uma letra do papa Nicolau V de 1450. Para colmatar esta ausência o papa Pio II concedeu em 1462 licença aos frades da regra de S. Jerónimo para fundar um mosteiro na Madeira, o que não surtiu efeito. Todavia, os franciscanos regressaram em 1474 ao cenóbio de S. João da Ribeira e acabaram por adquirir uma posição relevante na ilha.

Mais tarde, em 1485, retirou-se para a ilha Frei Pedro da Guarda, criando o pequeno eremitério de São Bernardino em Câmara de Lobos. Este franciscano, conhecido como o santo servo de Deus, ficou célebre na ilha pelas virtudes e milagres, o que motivou um culto arreigado às populações de Câmara de Lobos, que se manteve até 1835, ano em que foi proibido.

Mesmo assim, tirando esta situação, a ordem seráfica firmou-se na vida religiosa madeirense criando conventos, cenóbios ou oratórios no Funchal (1480), Câmara de Lobos (1450), Santa Cruz (1527), Ribeira Brava (1724), Calheta (1670) e Machico¹⁵. Relevam-se os de S. Francisco do Funchal e o de Santa Clara¹⁶. O primeiro para albergar os frades foi construído a partir de 1474¹⁷, enquanto o segundo, de freiras,

foi erguido por iniciativa de João Gonçalves Câmara, segundo capitão do Funchal, no espaço onde o pai havia edificado a capela da Conceição de Cima (em oposição à da Conceição de Baixo, construída junto ao mar), que teve o padroado do mesmo por bula (1476) de Sixto IV. Por breve (1496) de Alexandre VI ficou estabelecida a regular observância e o início da clausura, sendo abadessa D. Isabel de Noronha, filha do capitão, que se encontrava no Convento da Conceição de Beja.

Temos ainda o Convento de Nossa Senhora da Piedade, fundado por legado estabelecido no testamento (1518) de Urbano Lomelino numa granja, situada no local onde hoje se encontra o atual aeroporto do Funchal. Idêntico ideal moveu o cônego Henrique Calaça de Viveiros, que em 1650 ergueu um convento de Nossa Senhora da Encarnação em honra da restauração da independência¹⁸. Foi o segundo convento feminino da regra franciscana de Santa Clara. Mais tarde, em 1654, Gaspar Berenguer de Andrade fundou o convento das Mercês. Os conventos são uma presença assídua na História da Madeira, persistindo, ainda hoje alguns de pé. A pujança de alguns, como foi o caso do de Santa Clara, testemunha-se através da dimensão económica das quintas resultantes de dotes e legados¹⁹ e da ligação às principais famílias madeirenses, onde foram recrutados muitos dos noviços e noviças²⁰.

OS BISPADOS INSULARES. É antiga a tradição episcopal nas ilhas do Atlântico Oriental. O primeiro

recolhimento e suas filhas e doutras de homens principais que fazem vida santa, recolhidas à imitação da bem aventurada Santa Clara. [Jerónimo Dias Leite. *Descobrimiento da ilha da Madeira* (...), Coimbra, 1947, 42]

- 18 (...) havendo respeito ao que por sua petição me representou Henrique Calaça, cônego da Sé da cidade do Funchal da ilha da Madeira, acerca da necessidade que aquele bispado tinha de conventos para se recolherem as muitas donzelas que desejavam viver em religião(...)por cuja causa movido ele suplicante do zelo do serviço de Deus e amparo das ditas donzelas; se dispusera com a ocasião da aclamação de el-rei meu senhor e pai que santa glória haja, a fazer em acção de graças um convento à sua custa na dita cidade do Funchal, no melhor sítio dela junto a uma igreja que o cabido sede vacante lhe dera da invocação da Nossa Senhora da Encarnação (...) para o qual convento tinha já licença do mesmo cabido, e breve de sua santidade, e nele estavam já recolhidas vinte donzelas(...). [Provisão régia de 5 de Novembro de 1659, publ. por J. Cabral do Nascimento, *A Restauração de Portugal e o convento da Encarnação*, Funchal, 1940, pp.18-19]. Cf. Eduarda Maria de Sousa GOMES, *O Convento da Encarnação do Funchal. Subsídio para a sua História. 1660-1777*, Funchal, 1995.

- 19 João José Abreu e Sousa, *O Convento de Santa Clara do Funchal*, pp. 63-115.

- 20 Veja-se listagem feita por João José Maria de Oliveira, “Principais Religiosos Madeirenses dos Conventos da Madeira e Portugal”, in *A. H. M.*, vols. II-III, 1932-1933, pp.118-128, 88-93, 35-38.

14 Confronte-se *Monumenta Henricina*, III, (1961), pp. 53-54.

15 Fernando Carlos Azevedo Vaz, “S. Francisco do Funchal. A igreja, o convento, os frades”, in *DAHM*, 1948-49, IV, .23, 1956; Joaquim Plácido Pereira, “Jóias franciscanas outorgadas à ilha da Madeira”, in *DAHM*, V, 30, 1960, VI, 31 e 34, 1961; Manuel Juvenal Pita Ferreira, “A ordem seráfica na Madeira”, in *DAHM*, VI, 32, 1962.

16 João José Abreu de SOUSA, *O Convento de Santa Clara do Funchal*, Funchal, 1991.

17 *Sendo este capitão João Gonçalves na corte antes eu fosse mandou ordenar a fábrica e obra do mosteiro das freiras do convento de Santa Clara em Nossa Senhora da Conceição em cima da vila do Funchal obra tão necessária como proveitosa para*

bispado, com o nome de *Fortuna*, surgiu nas Canárias a 4 de Novembro de 1351²¹, todavia já em 1344²² o Papa Clemente VI havia atribuído a D. Luís de la Cerda o principado da Fortuna. Este facto foi o prelúdio de acesa polémica entre as coroas peninsulares pela posse do arquipélago vizinho e que gera algum debate sobre o papel e evolução da estrutura da Igreja no espaço atlântico.

A presença da igreja católica nas Canárias remonta a 1291, altura em que dois franciscanos terão acompanhado Teodósio Dória e Giolino de Vivaldi na expedição aí realizada²³. Mas até às viagens de conquista levadas a cabo por Jean de Bettecourt, a partir de 1402, a igreja não conseguiu firmar uma posição segura, capaz de atender à necessária evangelização dos guanches. As várias iniciativas de batismo em Agaete, Telde, Puerto de La Cruz e La Gomera não haviam surtido os efeitos desejados.

O antigo bispado da Fortuna, que apenas existiu no papel, foi substituído pelo novo de Rubião, criado por bula papal de 7 de Julho de 1404²⁴, ficando sufragâneo do de Sevilha. Desinteligências de vária ordem, resultantes do cisma do Ocidente, condicionaram a afirmação deste mais antigo bispado atlântico. Primeiro foram as tendências divisionistas com a criação por Martinho V do novo bispado em Fuerteventura a 20 de 1424²⁵, que não surtiu efeito, abrangendo as ilhas de Hierro, La Gomera, La Palma, Tenerife e Canaria. Depois foi a ordem de transferência do bispado de Rubião para Las Palmas em 26 de Agosto de 1435²⁶, que não se realizou devido à morte inesperada do bispo Frei Fernando Calvetos. A sua concretização só viria a ter lugar em 1462²⁷, a pedido de Don Diego Illescas. E foi a partir daqui que a Igreja em Canárias passou a assumir a sua verdadeira dimensão institucional com efeitos práticos.

O conturbado processo de conquista, a desorganização institucional do Papado, mercê do cisma do Ocidente, contribuíram para esta indefinição da es-

trutura religiosa nas Canárias. Deste modo só a partir do governo de Don Diego de Muros é que o bispado se tornou uma realidade institucionalizada, realizando dois sínodos (1497 e 1506) e primeira visita episcopal em 1498²⁸. O exemplo foi seguido pelos bispos posteriores: D. Fernando Vázquez de Arce (1514 e 1515)²⁹ e D. Cristóbal de Camara y Murga (1629)³⁰.

Nas ilhas portuguesas algo diferente sucedia, pois a coroa havia cedido o direito de posse e patronato³¹ à Ordem de Cristo, por carta régia de 1433³², a administração religiosa dependia do vicariato de Tomar. Era ele quem determinava a construção das primeiras igrejas e nomeava os prelados para o serviço religioso. Todavia em 1469³³ a bula “*Romanus Pontifex*” fez submeter os arquipélagos da Madeira e dos Açores à jurisdição episcopal do recém-criado bispado de Tânger, contradizendo assim a condição de *diocesis nullius*, estabelecido por Calisto III em 1456³⁴. O prior de Tomar reclamou e em 1472³⁵ recomendava aos seus súbditos da ilha da Madeira que não recebessem o bispo de Tânger, o que na realidade veio a suceder.

Apenas em 1496, com a subida ao trono de D. Manuel, então senhor e mestre dos domínios ineren-

21 A. RUMEU DE ARMAS, *El Obispado de Telde*, Madrid, 1960, 49-65; Idem, *El obispado de Telde: misioneros mallorquines y catalanes en el Atlántico*, Madrid, 1967.
22 1 e 16 de Dezembro, publicada por J. VIEIRA Y CLAVIJO, *Historia de Canarias*, II, Santa Cruz de Tenerife, 1982, 943-946.
23 J. VIERA Y CLAVIJO, *ibidem*, II, Santa Cruz de Tenerife, 1982, 263-267.
24 J. VIERA Y CLAVIJO, *ob. cit.*, 952-953.
25 *Ibidem*, 957-958.
26 *Ibidem*, 963.
27 *Ibidem*, 967-970.

28 L. DIEGO GUSCOY, “Notas sobre Don Diego de Muros, o bispo de Canarias”, in *Revista de História*, La Laguna, 1943, 54-61; J. L. G.NOVALIN, “Don Diego de Muros II. Obispo de Canarias”, in *Anuario de Estudios Atlánticos*, nº.20 (1974), pp. 13-107. Estas sinodais foram parcialmente publicadas por G. CHIL Y NARANJO, *Estudios históricos, climatológicos y patológicos de las islas Canarias*, III, Las Palmas, 1876-79, pp. 439-40.
29 G. SANCHEZ DONCEL, “Don Fernando Vázquez de Arce, prior de Osma y obispo de Canarias”, in *Anuario de Estudios Atlánticos*, nº.24 (1978).
30 Francisco CABALLERO MUGICA, “La iglesia católica en Canarias desde los orígenes hasta el presente”, in *VII Coloquio de Historia Canario-Americana*, II, Las Palmas, 1991, pp.1201-203; Eduardo AZNAR VALLEJO, “Religiosidad popular en los orígenes del obispado de Canarias”, in *ibidem*, pp.221-227; Antonio GARCÍA Y GARCÍA, “La religiosidad popular en el derecho canónico canario”, in *Ibidem*, pp. 291-305.
31 Algo diferente sucedia nas Canárias onde a coroa nunca abdicou do direito de patronato; confronte-se Alberto VIEIRA, “O senhorio no atlântico insular oriental...”, in *III Jornadas de Estudios sobre Fuerteventura y Lanzarote*, vol. I, Puerto del Rosario, 1989, pp.43.
32 Carta de D. Duarte, dada em Sintra a 26 de Setembro, publ. *Descobrimentos Portugueses*, vol. I, Lisboa, 1944, nº 257, 272-73.
33 Breve “*Romanus Pontifex*” de Paulo II, datado de 27 de Fevereiro de 1468, publ. por M. J. Pita FERREIRA, *A Sé do Funchal*, Funchal, 1963, 35-36.
34 Bula “*Inter Coetera*”, de 13 de Março, publ. *Monumenta Henricina*, vol. XII, Lisboa, 1971, 286-288.
35 Carta de 18 de Janeiro aos vizinhos do Funchal, secundada por outra de 21 de Janeiro da infanta D. Beatriz; confronte-se António BRASIO, “O Padroado da Ordem de Cristo na Madeira”, in *Arquivo Histórico da Madeira*, XII, 1960-61, 191-228.

tes à Ordem de Cristo, procurou-se pôr fim a esta situação. Primeiro o monarca fez reverter para a Coroa o domínio civil. Depois retirou ao vicariato de Tomar a jurisdição eclesiástica com a criação em 1514³⁶ do bispado do Funchal, sendo provido no cargo D. Diogo Pinheiro, vigário de Tomar. Ao mesmo tempo foi restituído à Coroa o direito de padroado³⁷. Mesmo assim, o vigário de Tomar continuou a manter a sua intervenção nas ilhas por mais algum tempo. Isto é até à criação em 1514 do bispado do Funchal. Até esse momento todo o serviço episcopal era feito por bispos titulares aí enviados pelo vigário de Tomar. Todavia apenas se conhecem três visitas: a Angra em 1487, ao Funchal em 1507, a Angra e Ponta Delgada em 1508.

Em 1514 toda a jurisdição eclesiástica das terras “desde o Cabo Bojador até à Índia” passou para a dependência direta do bispado em questão. Isto manteve-se até 1533, data em que D. João III solicitou ao Papa Clemente VII a criação de novas dioceses (Angra, S. Tiago, S. Tomé, Santa Catarina-Goa) e a elevação da catedral do Funchal à categoria de metropolitana e primaz. O desejo foi atendido e a 31 de Janeiro³⁸ data em que o Sumo Pontífice aceitou a referida solicitação. Charles Martial de Witte³⁹ questiona esta situação e pergunta-se pela razão dos arquivos nacionais apenas disporem um cédula consistorial e não a bula, que nunca terá sido expedida de Roma, por falta de pagamento dos 600 ducados, o que à partida conduziria a que a bula de criação do arcebispado não tivesse surtido efeito prático. Todavia se esta situação não tivesse surtido efeito não haveria necessidade de o Papa em 1551⁴⁰ revogar esta situação: revogamos, cassamos e anulamos e julgamos sem valor a erecção....”.

A partir de 1533 a diocese do Funchal ficava restrita à “Madeira e Porto Santo, as ilhas Desertas e Selvagens, e aquela parte continental de Africa, que

entesta com a diocese de Safim e bem assim todas as terras do Brasil, tanto as já descobertas, como as que se vieram a descobrir”. A única alteração ao seu território, que posteriormente teve lugar, resultou da anexação em 10 de fevereiro de 1560⁴¹ do Castelo de Arguim, por ordem de D. Catarina.

A dispersão geográfica das áreas, que primeiro foram dependentes do vicariato de Tomar e depois da Diocese do Funchal, condicionaram de forma evidente a administração eclesiástica, obrigando à necessária reforma de 1533 e 1551. Os primeiros bispos nomeados para o Funchal nunca assentaram morada na diocese, gerando inúmeras dificuldades na sua administração corrente. As áreas sufragâneas como os Açores permaneciam em pior situação, não obstante a regular presença dos visitantes⁴². Na realidade só a partir da criação do bispado, com o governador de Frei Jorge Santiago (1552-1561) em Angra e de D. Jerónimo Barreto (1574-1585) no Funchal é que a sua estrutura e a prática religiosa ganharam novo vigor. Tal como refere Gaspar Frutuoso⁴³ o bispado do Funchal encontrava-se numa situação calamitosa *porque faltavam Constituições Sinodais, que ho leve desta não de igreja militante, e governo della*. E foi com este novo bispo que se reencontrou o rumo certo: *has quaes elle ordenou, e fez com assas estudos prudencia e moderação, fundadas todas no sacrossancto concilio tridentino e nos sagrados canones (...)*.

As constituições de D. Jerónimo Barreto, aprovadas em 1579, são conhecidas como as mais antigas que se conhecem do bispado do Funchal. Todavia refere-se, no prólogo das aprovadas em Angra (1559) por D. Frei Jorge de Santiago, o uso das constituições do Funchal até essa data⁴⁴. O Funchal teve umas constituições anteriores às de 1579. Segundo Gaspar Frutuoso refere-nos a esse propósito que o bispo D. Martinho de Portugal lhe deu *constituições compatíveis, reguladas pelos outros bispados*⁴⁵ perderam.

36 Bula “Pro Excellenti Proeminentia”, de 12 de Junho, publ. em tradução por Pe. Manuel Juvenal Pita FERREIRA, *A Sé do Funchal*, Funchal, 1963, 66-68; confronte-se Charles Martial de WITTE, “Les bulles d’érection de la province eclesiastique de Funchal”, in *Arquivo Histórico da Madeira*, XIII, Funchal, 1962-63, 79-136.

37 Por bula “Gratiae Devinae praemium”, de 12 de Junho de 1514, *ibidem*, 69.

38 *Ibidem*, 76.

39 WITTE, Charles Martial de, “Les Bulles d’Érection de la Province Ecclesiastique de Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. XIII, Funchal, 1962-63, pp.79-136. Note-se as cartas de D. Martinho de Portugal e as acusações que faz à coroa (cf. p. 82)

40 Bula “Super Universas”, *ibidem*, 83-85.

41 Carta de D. Catarina, 10 de Fevereiro, *ibidem*, 85.

42 Pe. Herculano A. MEDEIROS, “Autoridades eclesiásticas em S. Miguel com jurisdição delegada”, in *Arquivo dos Açores*, XIV, 1-23, 189-297, 394-422, 548-573.

43 *Livro Segundo das Saudades da Terra*, 95.

44 “Nas quaes visitações comprehendemos e por experiência pollas nã aver proprias neste bispado, e usarem nelle das do bispado do Funchal, de que avia muyto poucas ou quasi nenhuma, allem de serem muyto antigas e breves...”, *Constituições Sinodais do Bispado d’Angra*, Angra do Heroísmo, 1881, p. IV. F. Ferreira DRUMMOND (*Anais da Ilha Terceira*, t. 1, Angra do Heroísmo, 1850, p. 127) refere que seriam as de Lisboa.

45 *Livro segundo das Saudades da Terra*, p.290. As constituições sinodais mais antigas que se conhecem para o bispado do Funchal resultam do sínodo

A obrigatoriedade de realização dos sínodos só ficou estabelecida com o concílio de Trento, no entanto em data anterior à promulgação das referidas recomendações tiveram lugar alguns, mas com rara assiduidade. São exemplo disso os realizados nas Canárias por D. Diego de Muros (29 de Outubro de 1497), D. Frei Antonio de La Peña (26 de Fevereiro de 1506), D. Fernando de Arce (15 de Abril a 7 de Dezembro de 1515). Nas ilhas portuguesas só há notícia de um, em data anterior às determinações tridentinas. Foi o sínodo de Angra em 4 de Maio de 1559, o único que se realizou nos séculos XVI e XVII nessa diocese⁴⁶.

De acordo com a determinação definida na 24ª sessão do Concílio de Trento os sínodos provinciais deveriam ser convocados trienalmente e os diocesanos anualmente⁴⁷. Todavia esta medida nunca foi levada a sério e ninguém foi capaz de a pôr em prática. Apenas se poderá referenciar uma maior preocupação por parte dos prelados na sua realização, que nunca conseguirá atingir os prazos estipulados. Em Angra o primeiro sínodo post-tridentino só teve lugar em 1797 com Frei José d'Ávé Maria Leite da Costa e Silva. Em Las Palmas tivemos dois concílios diocesanos convocados por D. Cristóbal de la Cámara Y Murga (1629) e D. Pedro Manuel Dávila y Cárdenas (1735) em que foram aprovadas as respetivas consti-

tuições⁴⁸. No Funchal, ao invés, sucederam-se vários sínodos (1575, 1597, 1602, 1615, 1622, 1629, 1634, 1680, 1690) em que se aprovaram também algumas constituições, mas nem todas chegaram às nossas mãos⁴⁹. No Funchal as constituições mais importantes foram promulgadas em 1578 e 1597. As últimas, da iniciativa de D. Luís de Figueiredo de Lemos, fizeram-se a exemplo das de Lisboa, aprovadas em 1566 com o mesmo título de “Constituições Extravagantes”.

A necessidade de reunião assídua dos sínodos episcopais e o consequente estabelecimento de constituições são resultado da reforma tridentina. Todavia antes da concretização do Concílio de Trento estava já estabelecida a obrigatoriedade destas realizações. Deste modo temos os sínodos realizados nas ilhas Canárias por D. Diogo de Muros (1497 e 1506) e D. Fernando Vásquez de Arce (1514-1515). Nos bispados de Angra e Funchal, de criação recente, apenas se conhecem as constituições de 1559 estabelecidas por D. Frei Jorge de Santiago⁵⁰, não obstante se referir umas mais antigas para o Funchal, que se perderam.

É de salientar que no Funchal as primeiras constituições sinodais conhecidas foram publicadas após o concílio tridentino. Também as recomendações sobre a concretização dos sínodos, foram mais ou menos cumpridas, tendo-se realizado, até finais do século XVII, nove reuniões, de que resultaram as respetivas constituições. Entretanto para Angra não se conhece nenhuma reunião posterior a essa data, enquanto em Las Palmas apenas teve lugar uma em tempo de D. Cristóbal de la Cámara y Murga (1629). Perante isto é legítimo concluir que a igreja deparou com a natural inércia da estrutura eclesiástica e dos seus prelados, tornando-se difícil o combate ao absentismo, como o recomendavam as

realizado em 18 de Outubro de 1578 por D. Jerónimo Barreto. A sua publicação foi determinada por ordem de 4 de Maio de 1579, mas só em 1585 elas saíram da oficina de Antonio Ribeiro em Lisboa. Depois foram as extravagantes de D. Luís Figueiredo de Lemos, aprovadas em 15 de Agosto de 1597, que se reuniram à 2ª edição das anteriores, feita em 1601. Quanto às quinze constituições promulgadas em 15 de Julho de 1615 no sínodo convocado por D. Frei Lourenço de Távora, mantiveram-se manuscritas e só recentemente foram publicadas por José Pereira da Costa [“Dominicanos bispos do Funchal e de Angra e na esteira de Frei Luís de Sousa”, in *Actas do II encontro sobre História Dominicana*, vol. II, Porto, 1987, em separata.]. Desde essa data até 1695 realizaram-se mais cinco sínodos (1622, 1629, 1634, 1680, 1685) mas não se sabe se foram promulgadas quaisquer constituições. Apenas Henrique Henriques de Noronha [*Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese do Funchal na ilha da Madeira*, manuscrito de 1722, com cópias na Biblioteca Municipal do Funchal, Biblioteca Nacional e Biblioteca Pública de Ponta Delgada.] informa que D. Frei José de Santa Maria promulgou em 1695 “novas doutas constituições, que pretendia imprimir mas não tiveram efeito por ser no mesmo tempo promovido para o bispado do Porto”. Dos demais sínodos também se fizeram constituições que não chegaram até nós [Fernando A. da SILVA, *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, Funchal, 1946, pp.98-214].

46 Em nota manuscrita na edição de 1881 é referenciado que, segundo Narciso António da FONSECA (*Pobres da Terveira*, nº 155, 16 de Dezembro, 1857, p. 3), estas nunca foram aprovadas e delas não teve conhecimento o concílio tridentino “porque elas não foram concluídas no synodo diocesano canonicamente”.

47 Pe. José de CASTRO, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. V, Lisboa, 1944, 261.

48 Além dessas constituições sucederam-se algumas alterações pontuais em 1513, 1530, 1535, 1537, 1538, 1567, 1568, 1572, 1597, 1615, 1636, veja-se J. VIERA Y CLAVIJO, *Historia de Canarias*, vol. II, Santa Cruz de Tenerife, 1982, 619-624.

49 Fernando A. SILVA, *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, Funchal, 1946, 98-214; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, 511-518; Joseph VIERA Y CLAVIJO, *Historia de Canarias*, vol. II, Santa Cruz de Tenerife, 1982, 463-601.

50 O bispado de Angra, desmembrado do Funchal em 1533, teve as primeiras constituições sinodais em 1559, aprovadas em 4 de Maio no sínodo que então se teria realizado. A sua publicação ocorreu em 1560 na oficina de João Blávio de Colonia em Lisboa; a segunda edição anotada teve lugar em Angra do Heroísmo no ano de 1881. No prólogo diz-se que aí se usavam as do bispado do Funchal, “que avia muito poucas ou quasi nenhuma, allem de serem muyto antigas e breves”.

orientações tridentinas. A ausência dos prelados das suas dioceses e a dispersão geográfica das paróquias condicionaram, de forma evidente, a situação⁵¹. Vejam-se as inúmeras dificuldades sentidas em Canárias para a convocação dos sínodos.

Conhecem-se as seguintes constituições sinodais aprovadas nos séculos XV a XVIII: Angra (1559), Funchal (1578), 1602 e Las Palmas (1497, 1514-15, 1629). Estas Constituições Sinodais dos três bispados têm sempre como matriz as dos arcebispados (de Lisboa ou Sevilha)⁵² a que estavam sufragadas. Uma análise comparada do seu articulado permite chegar a essa conclusão. Note-se que esta situação não é nova, pois também sucede o mesmo com as posturas municipais, conforme já o demonstramos noutro estudo⁵³.

Facto peculiar sucede com o Vicariato de Tomar, que após a criação da diocese do Funchal se manteve como “nullius diocesis”, mas regendo-se por constituições próprias aprovadas no sínodo de 18 a 22 de Junho de 1554⁵⁴. Esta situação, associada à referida anteriormente nas constituições de Angra, de 1559 atestam que as sinodais de D. Jerónimo Barreto (1578) não foram as primeiras estabelecidas para o bispado do Funchal. Por isso é legítimo afirmar que à criação do bispado se fizeram as primeiras, que o regeram até 1578, depois usadas em Angra e Tomar⁵⁵. Aliás é referido por F. A. Silva⁵⁶ que o arcebispo D. Martinho de Portugal fez umas constituições diocesanas que serviam de regra do governo do bispado

do Funchal, enquanto António de Vasconcelos⁵⁷ dá conta que as mesmas teriam sido estabelecidas por D. Diogo Pinheiro, que servia simultaneamente de bispo do Funchal e vigário de Tomar.

Por vezes, a Madeira também deveria acudir aos demais bispados e igrejas do espaço atlântico, fornecendo vinho para as missas, ou acudindo com o pagamento das cóngruas e ordinárias, com os chamados sobejos da alfândega, isto é, o saldo da receita arrecadada pela alfândega, depois de honrados todos os compromissos da chamada folha de pagamentos que estava em mão do escrivão do almoxarife. Em 1676⁵⁸, foi dada ordem de pagamento das ordinárias do bispo de Cabo Verde, Frei António Dionísio, dos sobejos da alfândega do Funchal, por falta de rendimentos destas ilhas, pela suspensão do comércio, sendo de 1000\$000 reis. Idêntica situação aconteceu em 1688⁵⁹, com o deão, cônegos e mais clerezia desta diocese, cujos ordenados no valor de 1134\$463 réis foram pagos pela Alfândega do Funchal.

A par disso não devemos esquecer o facto de as ilhas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe terem uma ligação desde os começos do povoamento com a Madeira, por força da expansão da cultura açucareira. A partir disso reforçaram-se os laços comerciais e a Madeira passou a fornecer o seu vinho, que, pelo facto de não se adulterar com o calor tropical passou a ser usado como vinho de missa, ficando a Madeira com o encargo do abastecimento.

Cedo o vinho Madeira ganhou fama pela sua capacidade de adaptação ao calor tórrido dos trópicos. Na verdade, no Novo Mundo que o vinho de Madeira adquire um estatuto especial no Novo Mundo. é servido à mesa das autoridades e grandes latifundiários, como no ato litúrgico que dá expressão da prática religiosa dos Cristãos. Era vinho para apreciadores mas também de missa.

O BISPADO E ARCEBISPADO DO FUNCHAL. O rei concedeu o direito de padroado à Ordem de Cristo.

51 Foi com extrema dificuldade que D. Pedro Manuel Davila y Cardenas, bispo de Las Palmas, reuniu em 1735 o único sínodo do seu episcopado; confronte-se *Constituciones Y Nuevas Decisiones Synodales del Obispado de las Canarias (...)*, Madrid, 1737, pp. 1-6.

52 J.SANCHEZ HERRERO, “La iglesia andaluza en la Baja Edad Media, siglos XIII al XV”, in *Actas del I Coloquio de Historia medieval Andaluza*, Córdoba, 1982.

53 “Introdução ao estudo do direito local insular. As posturas da Madeira, Açores e Canárias nos séculos XVI e XVII”, in *VII Colóquio de Historia Canario-Americana*, II, Las Palmas, 1990, 673-712; idem, “A dinâmica municipal no Atlântico Insular (Madeira, Canárias e Açores), séculos XV e XVII”, in *Arqueologia do Estado (Actas)*, vol. I, Lisboa, 1989, 55-76.

54 “Constituições da jurisdição eclesiástica da villa de Tomar e dos mayores lugares que pleno livre pertencem aa Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo (...)”, *Biblioteca Nacional de Lisboa*, Res. 147 A.

55 Todos os autores consultados são unânimes em considerar essas como as primeiras constituições sinodais do bispado do Funchal; confronte-se F. A. SILVA, “Constituições do Bispado”, in *Elucidário Madeirense*, I, Funchal, 1984, 303; Manuel D. Pitta FERREIRA, *A Sé do Funchal*, Funchal, 1963, 89; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, II, Barcelos, 1968, 513.

56 *Subsídios para a História da Diocese do Funchal*, Funchal 1946, 98; “D. Martinho de Portugal”, in *Elucidário Madeirense*, III, Funchal, 1984, 127.

57 *Art. cit.*, 496. Note-se que o Pe. Fernando A. da SILVA nada refere a esse propósito (“D. Manuel Pinheiro”), in *Elucidário Madeirense*, III, Funchal, 1984, 127.

58 AN/TT, *PJRFF*, n.º 966, fls. 28-29. Em 1695, o bispo (AN/TT, *PJRFF*, n.º 969, fls. 28-28vº) e Cabido (AN/TT, *PJRFF*, n.º 969, fls. 28vº-30) de Cabo Verde fizeram procuração a Francisco Cordeiro para proceder à sua cobrança.

59 AN/TT, *PJRFF*, n.º 968, fls. 19-20.

Primeiro em 1433 o arquipélago da Madeira alargado, depois, em 1454, a todos os territórios descobertos, situação confirmada por bula papal de 17 de Março de 1456. O governo espiritual ficou entregue ao vigário de Tomar, sede da Ordem de Cristo e na condição de *nullius diocese*, enquanto ao administrador da ordem competia a construção dos templos, a nomear os ministros e pagar o vencimento. Isto não agradou à diocese de Tânger que queria alargar os domínios às ilhas⁶⁰. À parte isso, em todas as ilhas, estabeleceu-se ouvidorias com o objetivo de organizar e exercer o governo eclesiástico. A situação mudou em 1514 com a criação do bispado do Funchal e, depois em 30 de Dezembro de 1551, com o regresso à coroa do padroado.

Extinto o senhorio, a Ordem de Cristo através do vigário de Tomar continuou a superintender o governo eclesiástico das ilhas até que em 12 de Junho de 1514, pela bula “Pro excellenti”, foi criado o bispado do Funchal com jurisdição sobre toda a área ocupada pelos portugueses no Atlântico e Índico⁶¹. Até então todo o serviço episcopal era feito por bispos titulares enviados pelo referido vigário, como sucedeu em 1507 e 1508. Mas, o progresso económico e social levou à criação em 1534 de novas dioceses em Goa, Angra, Santiago e S. Tomé, cujas áreas foram desanexadas à do Funchal.

A 31 de Janeiro de 1533 a diocese do Funchal foi elevada à categoria de metropolitana e primaz, englobando “a Madeira e Porto Santo, as ilhas Desertas e Selvagens, aquela parte continental de África, que entesta com a diocese de Safi[m] e bem assim as terras do Brasil, tanto as já descobertas, como as que se vierem a descobrir”. Mas esta foi uma situação passageira. Além disso a bula papal não foi expedida do Vaticano, por a coroa a não ter pago, o que coloca a dúvida da existência real do arcebispado do Funchal.

Em 1551 o papa Júlio III revogou a situação passando o Funchal para simples bispado sufragâneo de Lisboa, que passou a assumir a função de primaz das terras atlânticas, enquanto a de Goa preencherá idênticas funções para as terras orientais. A justificação apresentada pelo papa é expressiva da mudança operada na geografia económica do espaço atlântico: *Nós, porém, considerando que a navegação da província arquiépiscopal para a cidade do Funchal é muito difícil e incerta e que se torna não menos perigosa que dispendiosa aos bispos provinciais ao clero e ao povo, e que muitas vezes acontece que para tal navegação faltam os navios necessários e bem apetrechados, e mesmo que os haja, nem todos ousam lançar-se ao mar numa viagem tão longínqua e perigosa, pelo que os mesmos provinciais, que apelam para o arcebispo do Funchal, não podem apresentar-se ao seu tribunal e à dita cidade, para fazerem valer as suas apelações e conseguirem a justiça desejada e além disso, sofrem outros incómodos e danos...*⁶².

A construção do templo que lhe serviu de sede à nova diocese não foi rápida: o duque ordenou-o em 1485 mas as obras só se iniciaram em 1493, e ainda continuavam em 1515, sendo sagrado no ano imediato⁶³. As riquezas geradas pelo comércio do açúcar propiciaram à coroa e vizinhos os dinheiros necessários para erguer tão sumptuoso templo e recheá-lo de preciosas pinturas flamengas e alfaias religiosas em ouro e prata. Aliás, a riqueza da arte sacra madeirense e a monumentalidade da arquitetura religiosa está em relação direta com esta realidade. E importa dizê-lo que tudo isto foi pago pelos madeirenses, mesmo as chamadas dádivas manuelinas⁶⁴.

O século XVI é definido em termos de estrutura religiosa da Cristandade ocidental como um momento de ativo protagonismo. O absentismo era evidente na diocese do Funchal. Os bispos eleitos recusavam-se a assumir o governo do episcopado, preferindo a vida mundana da corte. Os primeiros nomeados para

60 Confronte-se António BRÁSIO, “O Padroado da Ordem de Cristo na Madeira”, in *Arquivo Histórico da Madeira*, XII, 1960-61, pp. 193-228.

61 (...) desejando (...) o mesmo D. Manuel que seja para sempre suprimida e extinta a vigairaria da dita vila de Tomar, e erguida em Sé Catedral a igreja de Nossa Senhora, templo sumptuoso, que o referido Rei mandou fundar e construir na cidade do Funchal (...) e Nós queremos condescender com os ardentes desejos de el-rei D. Manuel (...) em proveito do culto divino, em honra da mesma cidade do Funchal, tão recomendável pela grandeza e sumptuosidade de suas obras arquitectónicas, de seus edifícios eclesiásticos e seculares, e não menos pela densidade de sua população, que entre naturais e forasteiros, cavaleiros, homens de ciência e de letras, doutores em Teologia, Direito e Medicina, fidalgos e negociantes se eleva ao número de cinco mil habitantes (...) erigimos a supra mencionada igreja paroquial em igreja catedral, com sé e mesas episcopal e capitular, e com todas as outras insígnias, honras e preeminências catedrais (...). Manuel Juvenal Pita Ferreira, *A Sé Catedral do Funchal*, Funchal, 1963, 66-67.

62 Pe. Manuel Juvenal Pita FERREIRA, *A Sé do Funchal*, Funchal, 1963, 84.

63 Confronte-se M. J. Pita FERREIRA, *A Sé do Funchal*, Funchal, 1963; António ARAGÃO, *Para a História da Cidade do Funchal*, 2ª edição, Funchal, 1987.

64 Desde 1485 que temos documentos a atestar o esforço madeirenses na construção deste templo e de outras estruturas da administração civil como a alfândega e paços do concelho. Primeiro usou-se os dinheiros da imposição do vinho e depois os rendimentos do quarto e dizima do açúcar. Cf. Pita Ferreira, *A Sé do Funchal*, Funchal, 1963, pp. 31-54, 353-366.

as dioceses insulares nunca pisaram o solo e daqueles que se fixaram foram poucos os que procederam à indispensável visita às paróquias. O primeiro bispo a pisar o solo da diocese foi D. Ambrósio Brandão, em nome do arcebispo D. Martinho de Portugal, que aí esteve em 1538 acompanhado de dois visitantes (Jordão Jorge e Álvaro Dias). Foi a partir daí que se reorganizaram as paróquias, estabelecendo-se normas rigorosas para a sua fixação nas igrejas e moralização dos atos através dos livros de registo. Depois da sua morte, em 1547, a Sé permaneceu vaga até 1551. Neste período esteve no Funchal o bispo D. Sarrello, das Canárias, que deu “ordens a muitas pessoas e correu a ilha toda crismando comumente a todos os que disso tinham necessidade”. E, em 1552, foi provido D. Frei Gaspar do Casal, que não residiu na ilha, sendo o facto mais saliente da sua ação o ter participado no Concílio de Trento. O sucessor, D. Jorge de Lemos, nomeado em 1556 foi quem, na verdade, deu forma à aplicação das ordens do concílio, sendo seguido depois por D. Jerónimo Barreto (1574-85) e D. Luís de Figueiredo de Lemos (1586-1608) considerados os verdadeiros obreiros desta reforma na Madeira.

A reorganização das instituições religiosas e do ritual religioso, iniciados em 1578 por D. Jerónimo Barreto tiveram continuidade com D. Luís Figueiredo de Lemos (1597, 1602), Frei Lourenço de Távora (1615), D. Fernando Jerónimo (1622, 1629, 1634), D. Frei António da Silva Teles e D. Frei José de Santa Maria (1610). Todos estes prelados realizaram um sínodo onde foram aprovadas diversas constituições, mas apenas se publicaram as de 1578 e 1597 e conhecem-se as de outro, ainda manuscritas, tendo-se perdido as restantes. Estas medidas corresponde ao apelo da própria estrutura da igreja e dos leigos que em 1546, através da câmara, fizeram ouvir a sua voz de descontentamento junto da coroa.

Abrir um espaço de debate sobre os problemas relacionados com as diversas formas de expressão da religiosidade e espiritualidade nos espaços insulares atlânticos é aquilo que nos move neste momento. Queremos saber em que medida as diversas formas da sua expressão e prática se diferenciam das dos espaços continentais e, além disso, quais as ligações à matriz europeia e aquelas que se diferenciam⁶⁵.

O facto de terem sido, a partir do século XV, trampolim e portos de passagem da mobilidade humana, iniciada pelos portugueses, promoveram uma miscigenação de diversas formas de expressão da espiritualidade e religiosidade popular que ainda hoje persistem em diversas manifestações.

Colocam-se alguns desafios, neste debate. Em primeiro lugar, tentar entender de que forma a ilha da Madeira foi apenas porto de passagem dessa religiosidade e espiritualidade, não ficando qualquer semente daquilo que a define. Depois, importa saber de que forma as ilhas e a condição de ilhéu atuam como mecanismos diferenciadores ou criadores de uma diferente religiosidade e espiritualidade daquelas que acontecem nos espaços continentais. Acresce ainda a ideia dos espaços insulares como fronteiras, que geram uma cultura da chamada terra franca, importando esclarecer em que medida isso favoreceu ou não a liberdade religiosa, nomeadamente dos judeus, e práticas culturais diferenciadas, como sucede com o culto do Espírito Santo, por exemplo.

Será importante trilhar todos os caminhos possíveis para encontro e definição desta realidade. Deste modo, para além da imprescindível recolha da tradição oral, é necessário ter em atenção os trabalhos já feitos e também a sua expressão na tradição escrita. Esta poderá ser denunciada através das medidas proibitivas das constituições sinodais e visitas paróquiais, como também pela sua recriação na literatura⁶⁶. Por outro lado são de assinalar algumas recolhas já realizadas, publicadas em livro⁶⁷ ou em artigos esparsos em revistas⁶⁸.

ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE. É comum confundir-se uma com a outra. Para muitos de nós parece ser a mesma coisa, mas não é. Na verdade existe entre ambas um campo comum que origina esta situação, pois a espiritualidade encerra a religio-

penetrada de influências estranhas, os vilões da Madeira, sobretudo, mantêm-se mais integralmente ligados às estirpes, à linguagem e ao folclore herdado das gerações dos primeiros povoadores de há quinhentos anos. (Pestana, 1965: IX)

66 Entre nós temos o caso de João França (Ribeira Brava, Porto, 1952) e Horácio Bento de Gouveia.

67 E. Antonino Pestana (1965), Visconde do Porto da Cruz (1953), Fernando Aguiar (1942).

68 Revistas: *Atlântico* (1985-1989), *Isleña* (1988/-), *Xarabanda* (1992/-), *Das Artes e da História da Madeira* (1948-71), *Arquivo Histórico da Madeira* (1932-1990).

65 Américo Cortez Pinto diz-nos que é no isolamento geográfico da Ilha, mais circunscritos à pureza das fontes genéticas e duma etnia menos

cidade mas não se resume apenas a esta. Sabemos que o debate sobre esta terminologia é amplo, mas não é nossa intenção atear-lo ainda mais. Para nós satisfazem-nos as afirmações de José Paulo Giovannetti (2005:136), quando afirma que “religiosidade” “*implica a relação do ser humano com um ser transcendente*”, enquanto a “espiritualidade” “*não implica nenhuma ligação com uma realidade superior*”, mas compromisso consigo mesmo através da “*vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e o leva à integração pessoal e à integração com outros homens*” (2005:137). É a partir desta visão que procuramos estabelecer o nosso discurso em torno da religiosidade e espiritualidade madeirense, que em nosso entender assumem, por múltiplas razões uma expressão distinta.

A Madeira neste contexto, porque é a ilha que melhor conhecemos no seu processo histórico, como pelo facto de a Geografia definir uma relação de maior proximidade do Homem com a natureza e a Terra levam-nos a afirmar que estamos perante um diferente expressão da espiritualidade, que em muitos casos se aproxima das suas origens primevas do Norte de Portugal e de uma influência celta e, por outro de múltiplas complicitades com espaços vizinhos como as ilhas Canárias e o continente africano, onde diferenciadas formas de espiritualidade e de expressão da religiosidade não foram estranhas aos madeirenses. Resta saber, no momento atual das nossas reflexões, se será legítimo trazer ao debate este nosso olhar que vai ao encontro da ilha, como espaço de fronteira e porque não dizê-lo, de complicitades que também aqui ganham expressão.

Em nosso entender o ilhéu vive dividido entre uma insistente e profunda ligação à terra⁶⁹, que apelavam a formas de expressão da religiosidade que, de acordo com a igreja instituída, o afasta do cristianismo. Desta forma em o romance de Bessa-Luís (2008:52), alguns personagens madeirense deificam⁷⁰ a montanha – *A montanha precisa de honras*.

Ajoelhar-se diante dela não é favor, ou em Horácio Bento de Gouveia (1994: 30) o *culto da árvore*, aparece como fazendo *parte do instinto*⁷¹. São diferentes formas de expressão da religiosidade que estão mais próximos de religiões que sacralizam a ligação original à terra e à natureza. Na verdade, o Deus do Madeirense é a ilha e ela através das suas montanhas, que se erguem ao céu, das encostas íngremes, dos poios e das levadas parece querer antropomorfizar-se de forma constante no quotidiano. Desta forma o ato de ligação do ilhéu ao seu meio é uma forma de “religare”, de religião. Tudo isto porque o Deus do madeirense é a ilha, que se opõe ao continente que personificará o diabo. Desta forma subir a ladeira e a montanha, gesto muito comum no quotidiano madeirense, é uma forma de ir ao encontro de Deus, como construir os poios e estar com Deus e traçar as levadas será uma forma de fazer chegar a purificação necessária através da água que ela deixa correr sem parar⁷².

Mesmo assim, assinala-se que em momento

(Lamas, 1956: 92). Já em 1882 Antonino Pestana num poema intitulado “Deus e amor” 15 de julho de 1882, o autor questiona-se: *Que te diz a natureza?* (...) e resposta aparece no final: «*Deus e amor!*» (Pestana, 2010: 225). Ainda outra: *Que diz a trêmula brisa (...)? Que diz a voz na porcela (...)* E, de novo a resposta: *que sentes? não te diz – Deus?* (Pestana, 2010: 158).

71 Podemos ainda acrescentar outro testemunho significativo: *porque o homem que vive, dia e noite, entre mar e céu, vive mais com o infinito, sente um desamparo maior e precisa mais de um deus* (Castro, 1977:117); *Deus era uma escarpa, uma luz muito alta com o medo por cima. Envolto nas lendas, ele chegava sem se ouvir e, como estrelas fecundas, as sementes das suas mãos encontravam a terra.* (Baptista, 2000: 562). *Perdoa-me se, à beira dos socacos, o meu coração / se entrega às tuas coisas da terra? / A tua obra pura, com o pensamento através do norte, / o teu pensamento inóspito, senhor* (Baptista, 2000: 541)

72 Cf. Natividade, J. V., *Fomento da fruticultura na Madeira*, Funchal, 1947, pp.15-17; citado por PEREIRA, Eduardo, *Ilhas de Zargo*, I, Funchal, 1989, pp. 516-517 e NUNES, Eduardo, *Porque me orgulho de ser madeirense*, Funchal, 1954, pp. 22-24. O texto de Vieira Natividade é claro quanto a isto: *Em escassas centenas de anos o vilão madeirense ergueu com tão pobres materiais um dos mais extraordinários edifícios agrícolas do mundo escreveu com o seu sangue, o seu suor e as suas lágrimas uma grande Epopeia. Atacou a rocha para obter terra, transportou-a depois, sobre o dorso, por caminhos inverosímeis; lapidou amorosamente a montanha, o serro, as escarpas, os despenhadeiros, como se trabalhasse minúsculos diamantes. Atacou a rocha para obter terra, transportou-a depois sobre o dorso, por caminhos inverosímeis; lapidou amorosamente a montanha, o serro, as escarpas, os despenhadeiros, como se trabalhasse minúsculos diamantes, não raro debruçado sobre abismos e com risco permanente da própria vida; ergueu poios sobre poios para segurar esses punhados de terra, e fertilizou-a, por fim, conquistando e dominando o fio da água misteriosamente nascido nas alturas e que, transformando em levada, encaminhou com infinito labor através de caprichosos e acidentadíssimos percursos. Nas encostas, agora suavizadas pelo trabalho de inumeráveis gerações e em gigantescos anfiteatros sempre verdejantes. (...) Por isso o vilão, o homem que faz milagres, o lapidador de montanhas, o feiticeiro da água, que trabalha a vida inteira como um animal de carga e vive pobremente e no maior desconforto, ao erguer os socacos gigantescos de degraus na vertente das serranias, construiu afinal o seu próprio calvário. Mais do que pela água, a Madeira é regada pelo suor do vilão. Depois em 1940 Orlando Ribeiro (L' île de Madère, Étude Géographique, Lisboa) afirmava que ... a ilha da Madeira é um canto de terra profundamente ordenado pelo homem. (...) a superfície cultivada é pois uma obra humana, uma vitória sobre o declive, a seca estival e a pobreza do solo.*

69 Diz-nos a literatura: porque o homem que vive, dia e noite, entre mar e céu, vive mais com o infinito, sente um desamparo maior e precisa mais de um deus (Castro, 1977:117)

70 Situação que se torna clara no presente texto: *Quem ali sobe e comunica com aquele mundo fica mais que deslumbrado: tem uma vaga sensação de transcendência, misto de exaltação e angústia. Ali está, realmente, uma coisa grande, o centro do infinito, a dar ao Homem a noção da pequenez da Terra e a fazer-lhe sentir o valor das asas... As asas que se elevam no espaço por uma lei da física; as asas da inquietação que superam limites e impelem o Homem para mais alto, no seu destino de conquista, na grande descoberta da Vida e na total realização da sua harmonia*

algum o madeirense não renega essa religiosidade oficial, antes considera que algo mais existe e que faz parte da sua sacralização desta relação ancestral à terra⁷³. A labuta diária, a presença forte e permanente dos vales, colinas e montanhas clamam por atenção e revelam uma outra espiritualidade de que ele não se afasta. E esta ligação afirma-se cada vez mais, quando por força das relações ancestrais do norte de Portugal, como das Canárias o impelem a esta forma de afirmação da espiritualidade em comunhão com o meio envolvente, donde poderão surgir manifestações diversas de druidismo ou de xamanismo. E tudo isto faz parte dessa espiritualidade de um povo prezo ao meio e aterra, mas que convive de forma harmónica com uma religiosidade instituída e amplamente evoluída.

Ao domingo, e apenas neste dia, o ilhéu acolhe de forma voluntária a igreja da freguesia. Mas nos demais seis dias da semana está em constante contacto com a Terra que lhe abre os caminhos a outra espiritualidade, que assume formas de expressão religiosa por vezes consideradas desviantes. Mas para ele as duas não se chocam, convivendo e atuando, de forma ordeira, no quadro da sua espiritualidade. E é aqui que encontramos toda a riqueza da cultura espiritual do insular e madeirense. Esta diferente forma de olhar implica que se face uma leitura diferenciada do quadro religioso, apelando à valorização destas manifestações no quadro daquilo que se define com festas e santos populares, como de credices e superstições. Mas para que isso se torne possível é necessário entender que não existe apenas uma forma de expressão da espiritualidade e religiosidade e que poderemos sempre encontrar uma diversidade da sua expressão e manifestação. Por outro lado deverá ser necessário outro entendimento quanto à unicidade de formas únicas ritualistas e dessa unicidade da sua expressão, porque afinal o Sagrado não pode ser entendido com uma manifestação ou expressão do conflito, mas sim uma afirmação plena da harmonia do Homem com ele através das suas múltiplas manifestações, que tanto podem acontecer no espaço, convencionado como sagrado, como em pleno meio natural onde tudo se conjuga sem oposição, de forma que o ato de “religare” acontece de forma natural.

FORMAS DE DEVOÇÃO E EXPRESSÃO DA RELIGIOSIDADE. Há uma igreja instituída, um calendário dos santos que evolui no tempo, mas para o madeirense há uma outra realidade que o aproxima do Sagrado em diversos momentos da sua via e História. Tal como refere Henrique Henriques de Noronha as imagens «afervoram a devoção dos moradores», sendo por isso neste domínio que se encontram aspetos particulares da religiosidade madeirense. Neste caso estão as chamadas imagens milagrosas que acolhem à sua volta inúmeros devotos e são sempre motivo de súplica em momentos de aflição. Nossa Senhora do Monte assume aqui um lugar cimeiro. A par disso insiste-se numa devoção institucionalizada pelo município, resultante da peste que assolou a ilha no primeiro quartel do século XVI. A devoção a S. Sebastião, S. Roque e S. Tiago Menor é fruto disso, mantendo-se a última até à atualidade.

Religiosidade popular é ainda um dos campos a descobrir no nosso arquipélago. A atenção do estudioso tem sido relativa e, tirando algumas iniciativas isoladas⁷⁴, pode-se dizer que estamos perante algo que teima em desaparecer sem que, se tenha lavrado o registo da sua memória. O grande interesse dos estudiosos tem estado dirigido para o Natal, a chamada “festa” da tradição madeirense⁷⁵. Todavia, antes de avançar para o terreno é necessário rodear-se da utensilagem básica capaz de orientar esta pesquisa. Primeiro que tudo importa definir os conceitos, depois, é necessário delimitar o nosso campo de ação tendo em atenção o trabalho já feito, dentro e fora da ilha⁷⁶. Só assim estaremos aptos para essa prospeção de campo. Depois de feitas as recolhas há que sistematizá-las e avançar para uma obrigatória comparação com a realidade peninsular, nomeadamente o norte de Portugal, local de origem do grosso dos colonos e naturalmente dessas tradições. Por outro lado é imprescindível acompanhar a forma de evolução do ritual oficial, definido pela igreja, que é o mesmo que quem diz seguir o percurso da História

73 *Porque, na verdade: Essa Igreja modelou (...) o carácter formativo e a alma do nosso povo.* (Oliveira, 1969: 64).

74 Apenas merecem a nossa atenção os textos de Eduardo Antonino Pestana, *A ilha da Madeira. Folclore madeirense*, Funchal, 1965; Visconde do Porto da Cruz, *Credices e superstições do arquipélago da Madeira*, Funchal, 1954.

75 Veja-se Manuel J. Pita Ferreira, *O Natal na Madeira. Estudo folclórico*, Funchal, 1956.

76 Não podemos esquecer que a matriz dos primeiros colonos é portuguesa e por isso deverá ter-se em conta os estudos de Leite de Vasconcelos (1895), Consiglieri Pedroso (1988), Teófilo Braga (1986) e Adolfo Coelho (1993).

da Igreja na ilha.

Habitualmente a religiosidade popular afirma-se em oposição à oficial, sendo entendida como uma forma híbrida, isto é formas inadequadas de entender e praticar a religião oficial. Por outro lado, se tivermos em conta que a Religião é um corpus de crenças e conjunto de práticas, ficando muitas vezes a religiosidade popular definida como um conjunto de superstições e gestos mágicos oriundos do paganismo. Há uma clara estigmatização do outro espiritual.

Um dos aspetos de particular significado prende-se com a evolução do conceito de superstição. *Superstitio* queria significar conhecimento verdadeiro, clarividência, mas no século II assume um significado negativo, para nos séculos IV e V se afirmar como sobrevivência de crenças pagãs. É neste contexto de assimilação das crenças e antigos ritos pagãos, que se perpetuaram ao longo dos séculos na tradição oral, não obstante a oposição da igreja, que se deve buscar a origem da maior parte dos ritos e crenças que definem a religiosidade popular. Sempre houve por parte da igreja católica a preocupação de travar esta forma de expressão da religiosidade. A Contra-Reforma, a inquisição e, mais perto de nós, o Vaticano II, tentaram apagar sem sucesso estas crenças populares. Por isso, a solução foi tentar impor critérios e práticas de acomodação. Esta realidade é muito evidente entre nós, como se poderá verificar do confronto da religiosidade popular da oficial. Neste contexto é de destacar as constituições sinodais funchalenses do século XVI⁷⁷ que consideram a superstição como sinónimo de feitiçaria, sortilégios, agoiros, benzedura, idolatria e pacto com o demónio.

A religiosidade popular expressa-se de diversas formas nessa profunda ligação do madeirense à sua ilha e nas chamadas festas populares, que são manifestações coletivas, formas de expressão das crenças e ritos de devoção. Muitas destas festas populares têm origem em cultos naturalísticos e em quase todas as suas manifestações estão associadas práticas rituais, por vezes, com carácter mágico.

Mas há ainda uma outra espiritualidade que faz gerar diversas formas de religiosidade e que é quase

sempre mal entendida. E é dentro desta que encontramos uma maior variedade de manifestações: 1. Orações populares - ensalmos, coplas, conjuros, resposos, ladainhas - adequadas a todos os momentos e circunstâncias do nosso quotidiano. 2. Lendas e milagres - que depois se impõem como forma de religiosidade oficial. Neste segundo caso o Sagrado aproxima-se da lenda que alimenta a vertente profana da religiosidade e que aproxima os santos do quotidiano do povo⁷⁸. Por exemplo, as lendas sobre as aparições - caso de N^{ra} Sr^a do Monte - ou achado de imagens - Bom Jesus, Senhor dos Milagres - formalizam ou reforçam o culto e devoção a uma determinada imagem e conduzem a uma apropriação popular. E ainda teremos de ter em conta distintas manifestações tidas como de feitiçaria e bruxaria que completam o quadro da expressão da espiritualidade e religiosidade do Povo.

A atitude da igreja não é igual em todas as situações, pois, ora as aceita assimilando-as ao culto oficial, ora as condena, perseguindo os seus atores. Mas no geral há uma estigmatização do ato, porque foge à norma do ritual estabelecido. Nas constituições sinodais dos séculos XVI e XVII é manifesta essa atitude de oposição, sendo condenadas quaisquer manifestações de sortilégio, agoiro, benzedura. Note-se que em 1618 o inquisidor de visita à ilha viu-se confrontado com a generalizada prática supersticiosa, tendo condenado 13 mulheres por feitiçaria. O facto mais evidente é que todos tinham consciência que estas práticas eram proibidas⁷⁹. Para o conhecimento desta realidade, mais do que as constituições sinodais, temos as visitas paroquiais e as consequentes recomendações dos prelados. Nestas pode-se acompanhar, a par e passo, a forma de expressão da religiosidade popular e a intervenção do bispo no sentido da sua irradicação⁸⁰.

Do que atrás ficou expresso poderá afirmar-se que ainda hoje persiste na vivência religiosa popular traços evidentes dessa realidade desviante às normas da religião oficial, por vezes, escondidas sob a

77 Alberto Vieira, "As constituições sinodais das dioceses de Angra, Funchal e Las Palmas nos séculos XV e XVI", *Congresso Internacional. Missiões Portuguesas e Encontro de Culturas, Actas*, Vol. I, Braga, 1993, 455-481.

78 Cf. A linguagem poética é a natural expressão da alma que se dirige a Deus; e a alma religiosa do povo sempre escolheu o ritmo do verso e a música da rima para invocar a graça e a proteção do Senhor, da Virgem e dos Santos, em todos os momentos da vida, nas alegrias e nas dores, na paz e nos perigos, na imploração das graças e nos louvores desinteressados. (Pestana, 1965: XV)

79 Cf. Fernanda Olival (1993), pp. 780-781.

80 Cf. Eugénio dos Santos (1989); Manuel Nóbrega (1990-92).

expressão de devoção particular. Descobri-la não é tarefa fácil, pois passa por uma perspicaz e bem fundamentada destriça daquilo que é oficial e público.

Ainda hoje, não obstante a permanente intervenção da igreja católica, persistem no nosso quotidiano traço evidentes dessa realidade desviante às normas da religião oficial, por vezes, escondidas sob a forma de devoção particular. Descobri-la não é tarefa fácil, pois passa por uma perspicaz e bem fundamentada destriça daquilo que é oficial e público. Por outro lado, é oportuno chamar a atenção para o facto de muitas dessas manifestações terem idênticas manifestações na península, que corporizam a sua remota origem.

RELIGIÃO E FORMAS DE RELIGIOSIDADE. O século XVI é a época de mudança da igreja como forma de reação as reformas de Lutero e Calvino, sendo o concílio de Trento (1545-1563) a sua expressão institucional, Na ilha foram os bispos D. Jerónimo Barreto (1574-85) e D. Luís de Figueiredo de Lemos (1586-1608) os verdadeiros obreiros da reforma.

A ilha foi um ponto de encontro de rotas oceânicas que favoreceram a mobilidade comercial e humana. Por outro lado a ilha é um espaço de fronteira. E que diz fronteira, quer dizer espaço de liberdades e cumplicidades onde tudo acontece sem obediência a padrões institucionalizados, em termos de comportamentos e regras instituídas.

A proximidade às Canárias e à costa africana permitiram o contacto com populações não cristianizadas que trouxeram para a ilha as suas crenças e rituais. Os rasgos desta religiosidade não oficial não são fáceis de encontrar numa sociedade marcadamente cristianizada e ademais sob o controle do tribunal da inquisição. Mas a análise, não apenas das denúncias perante a inquisição, como dos registos lavrados pelo bispo nas visitas pastorais ou de outra proveniência manifestam a coexistência de outras práticas religiosas, que contagiavam mesmo os cristãos.

Há por parte da igreja oficial uma evidente preocupação no sentido da cristianização e doutrinação do escravo. Isto faz parte da sua missão missionária do Novo Mundo. A primeira recomendação neste sentido foi expressa em 1592 pelo bispo D. Luís de Figueiredo de Lemos, aquando da visita à paróquia da

Fajã da Ovelha⁸¹. Aí refere-se a presença no bispado de inúmeros escravos gentios que, por isso, deveriam merecer a atenção dos vigários. As recomendações aos curas e párocos são no sentido de um maior cuidado, fazendo com que os escravos saibam “a doutrina christam e ao menos a oração Pater Noster e Ave Maria, os artigos de fé e os mandamentos da Lei de Deus (...)”. Aos fregueses eram também atribuídas responsabilidades neste âmbito, ordenando-se que aos escravos de mais de sete anos “lhes fação com muita diligência ensinar a doutrina”. Por outro lado advertia-se os párocos para que se informassem sobre os escravos da freguesia “e achando que não sabem o Pater Noster e Avé Maria, os artigos de fé e mandamentos de lei de deus proceda(m) contra seus senhores pera que ensinem ou fação ensinar a dita doutrina, e os mandem a igreja aprendella ao tempo que a ensinarem(...)”. Mas, esta insistência da Igreja na doutrinação e prática religiosa dos escravos esbarrava com inúmeras resistências da parte dos proprietários como dos próprios escravos, que se mantinham arreigados as rituais africanos, ou islamizados⁸². Esta doutrinação terá surtido efeito como prova o ingresso de alguns destes em conventos ou de colação de ordens menores. Aqui, a exemplo do reino, temos escravos e libertos. Em 1538⁸³ Manuel, liberto de Francisco Narde, recebeu a primeira tonsura, enquanto em 1563⁸⁴ Álvaro Gonçalves, mulato, é referido no registo de óbito como clérigo de missa. Temos ainda a entrada em conventos. Assim aconteceu com Antónia, escrava do capitão Domingos de Figueiredo Calheiros⁸⁵, Teresa do Pe. Manuel Dias Pinheiro⁸⁶, Paulina de Apelonia Távora⁸⁷ e Isabel de Maria de Câmara⁸⁸. Outro aspeto da devoção dos escravos foi o aparecimento das confrarias. Trata-se de instituições de assistência na vida e na morte, cujo início e afirmação foi resultado da influência dos fran-

81 Arquivo Paroquial da Fajã da Ovelha, *Livro de Visitações 1587-1730*, fls. 14-15.

82 Mesmo assim na Madeira foi reduzido o número de refratários ao catolicismo, tal como nos testemunham as poucas denúncias feitas, aquando das visitas do Santo ofício à Madeira, em 1591 e 1618.

83 A.N.T.T., Cabido da Sé do Funchal. *Livro de Matrículas de ordenados em ordens menores*, nº 29, fls. 70vº.

84 A.R.M., *Paroquiais Sé*, nº 68, fls. 36vº., 16 Maio 1563.

85 A.R.M., *Juíço dos Resíduos e Capelas*, tombo, fls. 386- 388vº., Funchal 21 Junho 1658.

86 A.R.M., *Capelas*, maço 137, nº 10, Fajã da Ovelha, 11 Setembro 1696.

87 *Ibidem*, maço 17, nº 10, Ribeira Brava, 15 Janeiro 1683.

88 A.R.M., *Juíço dos Resíduos e Capelas*, tombo, fls.350vº.-353, Câmara de Lobos, 2 Outubro de 1676.

ciscanos e dominicanos⁸⁹. No caso dos negros a de Nossa Senhora do Rosário ainda providenciava o necessário apoio social aos irmãos e os meios exigidos pela alforria. Na Madeira não conhecemos nenhum caso de libertação por esta via, mas sabemos que em 1622⁹⁰ Catarina Gonçalves entregou à mesma quinze mil réis com tal objetivo.

Os mais importantes aferidores da religiosidade madeirense estão registados nas visitas paroquiais como nos registos da visita dos inquisidores ao Funchal em 1575, 1591-93 e em 1618-19⁹¹. Mesmo assim podemos assinalar que nas ilhas era manifesta a convivência das autoridades com a presença da comunidade judaica, o que poderá resultar das facilidades iniciais à fixação. Em finais do século dezasseis foram arrolados 94 cristãos novos, mas em 1618 o seu número não passou de 5, quando sabemos que em 1620 eram 58 os judeus que pagavam a taxa.

A presença da comunidade judaica era evidente. Os judeus, maioritariamente comerciantes, estavam ligados, desde o início, ao sistema de trocas nas ilhas, sendo os principais animadores do relacionamento e comércio a longa distância. A criação do tribunal do Santo ofício em Lisboa conduziu a que avançassem no Atlântico: primeiro nas ilhas e depois no Brasil. Tal diáspora fez-se de acordo com os vetores da economia atlântica pelo que deixavam atrás um rasto evidente na rede de negócios. O açúcar foi sem dúvida um dos principais motivos da sua atividade, quer nas ilhas, quer no Brasil. A par disso, o relacionamento com os portos nórdicos conduziu a uma maior permeabilidade às ideias protestantes, o que gerou inúmeras cuidados por parte do clero e do Santo Ofício. A incidência do comércio da Madeira no açúcar, pastel e vinho conduziu ao estabelecimento de contactos assíduos com os portos da Flandres e Inglaterra, que não era bem visto pelo tribunal. Isto deverá ter favorecido a presença de uma importante comunidade, o que veio a avolumar as preocupações

dos inquisidores.

Por outro lado a partir do século XVII a ilha habituou-se a conviver com outras comunidades não católicas que assumiram um papel de relevo na sociedade e economia. O bispo funchalense, D. Frei Lourenço de Távora, no sínodo realizado em 15 de Junho de 1615 chamou a atenção para a presença de estrangeiros “de partes infecionadas na fé”, apelando para a necessidade de se cumprir o estabelecido em 1608 pelo prelado anterior que determinara “que os tais estrangeiros cismáticos e hereges não podem tratar nem disputar com a gente da terra sobre a fé, nem fazer cousa, que deca escandalo”. Todavia, é reduzido o número de anglicanos denunciados, sendo apenas quatro em 1618.

Analizadas as denúncias e confissões de madeirenses e açorianos perante os inquisidores conclui-se por uma incapaz intervenção do clero no ensino da doutrina aos leigos. A maioria dos réus é resultado da ignorância dos cânones católicos. A mesma ideia é-nos transmitida através das visitas paroquiais, disponíveis e já divulgadas. Deste modo poder-se-á afirmar que as orientações tridentinas tardaram em chegar às ilhas e que a inércia e o fraco nível cultural do clero terão sido os principais responsáveis disso.

Em 1689 é a vez de um protestante britânico, John Ovington, de visita à Madeira apontar o estado de formação e comportamento social do clero e leigos. Acerca do primeiro refere que os jesuítas “apenas um em três com quem conversei compreendia o latim”, enquanto os cônegos da Sé “são hábeis na sua capacidade de inventar razões para defenderem a indolência” e “todos fingem um grande ardor na sua fé”. Dos leigos católicos refere a propensão para o crime de homicídio tendo como resguardo o recurso à comunidade eclesiástica, concluindo da seguinte forma: “Estes cristãos são tão desregrados na prática deste crime como indulgentes nos castigos merecidos por tais acções”.

FORMAS DE DEVOÇÃO. Tal como refere Henriques de Noronha as imagens “afervoram a devoção dos moradores”, sendo por isso um das evidências particulares da religiosidade madeirense. Devemos assinalar em primeiro lugar as dos santos milagreiros e populares que acolhem à sua volta inú-

89 O culto a Nossa Senhora do Rosário encontra-se ligado à tradição dominicana, tendo surgido em Portugal na segunda metade do século XV, a partir da Igreja de S. Domingos em Lisboa.

90 A.R.M., *Paroquiais. Óbitos-Sé*. N.º 73, fls. 143, registo de 8 de Setembro.

91 Confronte-se Maria do Carmo Dias FARINHA, “A Madeira nos Arquivos da Inquisição”, in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. I, Funchal, 1990, pp. 689-742. O seu estudo foi feito por Fernanda OLIVAL, “Inquisição e a Madeira. Visita de 1618”, in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, vol. II, Funchal, 1990, 764-818; “A Visita da Inquisição à Madeira em 1591-1592”, in *Actas. III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1993, 493-520.

meros devotos e são sempre motivo de súplica em momentos de aflição. É ainda nas romagens que o povo exterioriza a sua religiosidade. A mais antiga é a de Nossa Senhora do Faial ou da Natividade, a 8 de Setembro, que se perdeu no tempo. Ainda, de vetusta tradição são as do Bom Jesus da Ponta Delgada e de Nossa Senhora do Monte, a que se deverá associar o culto de Nossa Senhora do Rosário, do Loreto e dos Milagres⁹².

Em torno destas romagens mistura-se sempre o mito, a lenda e a fé instituída. O culto a Nossa Senhora do Monte, que foi consagrada em 1803 como padroeira do Funchal, vem do século XV e surge envolto em lenda que dá conta da aparição da Virgem a uma pastorinha⁹³. A imagem foi colocada na primitiva capela da invocação de Nossa Senhora da Encarnação, construída cerca de 1470 por Adão Gonçalves Ferreira⁹⁴. Foi a partir do século XVII que ficou testemunhada a sua popularização através do pedido da sua intercessão por parte dos funchalenses em momentos de aflição⁹⁵. A falta de chuvas, no decurso dos séculos XVII e XVIII, fez com que se socorresse da Virgem, saindo-se em procissão pelas ruas da cidade.

A partir daqui generalizou-se o socorro a Nossa Senhora do Monte que em 1803, com a aluvião que assolou a cidade, passou a assumir a função de sua protetora. Estas condições fizeram com que o culto alastrasse a toda a ilha, ficando o dia 15 de Agosto como a da mais importante romagem madeirense, vivida por todos dentro e fora da ilha.

O primeiro de Maio, festejado pela igreja madeirense como o dia de S. Tiago Menor, assume particular significado para a cidade do Funchal. Desde 1521 que ficou registado nos anais a atestar a necessidade do homem recorrer à intercessão dos santos, quando se esgotavam as possibilidades humanas face a flagelos como a peste. Foi numa situação de desespero que a vereação se reuniu a 8 de Junho com o capitão Simão Gonçalves da Câmara para escolher o santo a quem interceder. A sorte saiu em S. Tiago Menor que ficou desde então como o protetor e padroeiro da cidade⁹⁶. As autoridades presentes fizeram voto de construir um templo em honra do santo e de todos os anos pelo primeiro de Maio realizar uma procissão da Sé ao templo que acolheu o santo⁹⁷. Para custear a referida procissão, voto e culto ao santo, existia no século XVIII uma pequena renda de Santiago, altura em que a igreja foi reedificada para se adequar à evolução demográfica da paróquia. Apenas a República em 1910 quebrou a tradição que só viria a ser restabelecida em 1 de Maio de 1935 com o então Presidente da Câmara, Dr. Fernão Ornelas Gonçalves.

As romagens completam a exteriorização da religiosidade popular, ganhando protagonismo diverso

92 Cf. o que se diz acerca da festa: As festas principais chamam peregrinos e romeiros, sempre atrás de uma Virgem, de um santo, de um milagre ou do pagamento de promessas: As principais festas da Madeira, que chamam os romeiros dos mais distantes lugarejos e que servem, como balizas para orientar as minúcias da vida regional, são, pela ordem da sua importância, a «Senhora d'Agosto», no Monte, o «*Senhor Jesus*» na Ponta Delgada, o «*Senhor dos Milagres*» em Machico (Porto da Cruz, 1945: 18)

93 Há mais de 300 anos, no Terreiro da Luta, cerca de 1 quilómetro acima da igreja de Nossa Senhora do Monte, uma menina, de tarde, brincou com certa pastorinha, e deu-lhe merenda. Esta cheia de júbilo, refere o facto à sua família, que lhe não deu crédito, por lhe ser impossível que naquela mata erma e tão arredada da povoação aparecesse uma menina. Na tarde seguinte reiterou-se o facto e a pastorinha o recontou. No dia imediato, à hora indicada pela pastorinha, o pai desta, ocultamente, foi observar a cena, e viu sobre uma pedra uma pequena imagem de Maria Santíssima, e à frente desta a inocente pastorinha, que, a seu pai inopinadamente aparecido, afirmava ser aquela imagem a menina de quem lhe falava. O pastor, admirado, não ousou tocar a imagem, e participou o facto à autoridade que mandou colocá-la na capela da Encarnação, próxima da atual igreja de Nossa Senhora do Monte, nome que desde então foi dado àquela veneranda imagem. [Fernando Augusto da Silva, *Elucidário Madeirense*, vol. II, 1984, p. 459]

94 A atual igreja e santuário de devoção não correspondem à primitiva pois foi alvo de diversas alterações ao longo dos séculos, sendo mesmo reconstruída em 1740. Em 1489 esta é referenciada na Câmara como ermida de Santa Maria do Monte, sendo os encargos da administração do município. Isto é um indício de que a imagem era alvo do culto das gentes da cidade, levando no século XVI à construção da casa do romeiro. A fama e a dimensão das romagens pesaram certamente na pronta elevação a paróquia em 1565.

95 Em o ano de 1627, em seis de Março faltou a chuva, se veio buscar a imagem de Nossa Senhora do Monte, logo choveu muita água e neve; em os 27 dias do dito mês, véspera de Ramos, veio para cima com solenidade; foi para Nossa Senhora do Calhau pregou o cônego teologal Bartolomeu do Vale Cabreira [*Livro das Contas da confraria de Nossa Senhora do Monte*, fol.11]

96 Desta forma o guarda-mor da saúde —abdicar do seu cargo e, ajoelhado ante a imagem do Santo, suplica *Senhor, até aqui guardei esta cidade como pude. Não posso mais. Aqui tendes a vara do mando. Sede vós o guarda da Saúde* (França, 1979: 31)

97 No dia 21 de Julho fizeram uma procissão ao terreno oferecido por António Espíndola, para a construção da ermida. Esta foi a primeira procissão para dar cumprimento à promessa que se manteve com redobrado fervor religioso nos anos de peste. O cerimonial era idêntico ao estabelecido para a procissão do Corpo de Deus, isto é, deveriam desfilar todas as autoridades civis e eclesiásticas e ofícios mecânicos, levando estes últimos as suas danças (jumenta, das espadas...), castelos e “gigantes”. A continuidade da peste levou em 1523 a nova intercessão junto do santo protetor. A vereação reunida a 23 de Janeiro decidiu aprovar o referido voto e dar continuidade à obra da igreja. E em 1538 face ao retorno da peste reuniram-se os guardas encarregados de vigiar as entradas e saídas com os vereadores, entregando a proteção da cidade nas mãos do santo, dizendo então o guarda-mor de saúde: —“Senhor, até aqui guardei esta cidade como pude, não posso mais, aqui tendes a vara, sede vós o guarda de saúde”. Segundo Gaspar Frutuoso quando regressaram da procissão todos os doentes vieram sãos, e assim, “daquele dia até hoje (1597) pelos merecimentos do Bem-aventurado Santiago, não houve mais peste na ilha da Madeira, Bendito seja o Senhor.”

ao longo dos séculos. A mais antiga é a de Nossa Senhora do Faial ou da Natividade, a 8 de Setembro, que se perdeu no tempo. Ainda, de vetusta tradição são as romagens do Bom Jesus da Ponta Delgada e de Nossa Senhora do Monte, a que se deverá associar o culto a Nossa Senhora do Rosário, do Loreto e dos Milagres. O sacro e o profano aliavam-se na definição de um calendário ritual em toda a ilha.

O Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora do Rosário firmaram-se desde muito cedo na devoção das gentes do norte e depois de toda a ilha. O Senhor Bom Jesus é a devoção mais antiga e terá surgido em 1466 com Manuel Afonso Sanha, um colono oriundo de Braga que fez transplantar para a sua sesmária na Ponta Delgada o patrono da sua devoção, fazendo erguer em sua honra uma ermida. Mas este culto privado rapidamente passou a todas as gentes do local, da encosta norte, e, depois, de toda a ilha. Esta devoção foi promovida, desde finais do século XVI pela confraria do Senhor Bom Jesus. A fama do Senhor Bom Jesus como milagreiro alastrou a toda a ilha e fez com que o norte, mais propriamente Ponta Delgada, se transformasse num dos principais centros de peregrinação. O testemunho das assíduas romagens está no facto de em 1646 Afonso Gomes ter deixado à fábrica da igreja de Ponta Delgada uma casa para os romeiros⁹⁸.

Nestas situações como na devoção e ritual aos santos populares há uma variada forma de expressão da religiosidade, partilhada entre a regra instituída pela crença oficial da igreja e do povo, mas ambas se misturam no momento e no espaço do arraial. Aqui como noutras circunstâncias a fé do Povo balbucia entre a normativa oficial da doutrina católica e as crenças ancestrais que apelam a outras forças e poderes ocultos, que não obstante serem renegados e perseguidos pela igreja, continuam a manter-se no quotidiano deste povo. Todos se dizem cristãos e católicos praticantes, mas fica ainda um lugar para a crença em poderes ocultos e a forças da natureza,

que partilham a fé do madeirense⁹⁹.

No século XIX Isabella de França traça-nos de forma peculiar a romaria de Santo António da Serra, através de vivência dos romeiros, cujas manifestações, incompreendidas por estes, são vistas como uma “palhaçada”. Aqui é testemunhado o ambiente de folguedo que anima a romaria. Antes disso, já Gaspar Frutuoso, em finais do século XVI, referenciara outra romaria, a de S. Roque do Faial, a 8 de Setembro. Aqui à devoção junta-se a alegria dos tocares, danças e cantares, e a feira de venda dos produtos. Ambos os relatos são a melhor imagem que retemos a nossa tradição escrita da romaria e arraial madeirenses. O avanço da rede de estradas a partir da década de quarenta, trouxe os excursionistas. A tradição ainda testemunha a vivência dos romeiros. O folclore preservou muitos dos despiques e cantorias dos Romeiros.

A inquisição e a Contra-Reforma tentaram apagar sem sucesso muitas das crenças populares. Por isso, a solução foi tentar impor critérios e práticas de acomodação. Neste contexto é de destacar as constituições sinodais funchalenses do século XVI que consideram a superstição como sinónimo de feitiçaria, sortilégios, agoiros, benzedura, idolatria e pacto com o demónio. Nas constituições sinodais dos séculos XVI e XVII é manifesta a atitude de oposição, sendo condenadas quaisquer manifestações de sortilégio, agoiro, benzedura. Em 1618 o inquisidor de visita à ilha viu-se confrontado com a generalizada prática supersticiosa, tendo condenado 13 mulheres por feitiçaria. O seu conhecimento passa pelas visitas paroquiais e recomendações dos prelados do que pelas orientações definidas pelas Constituições Sinodais, onde é possível rastrear a forma de expressão da religiosidade popular e a intervenção do bispo no sentido da erradicação. Estamos perante um campo em aberto que aguarda por uma pesquisa aturada nos arquivos paroquiais.

PARA UMA DEFINIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE MADEIRENSE. Há algo que se torna muito claro na espiritualidade do insular e de forma especial do madeirense, que se expressa nesta profunda

⁹⁸ No último quartel do século XVI a festa do Senhor Bom Jesus fazia atrair muitos romeiros à encosta norte. A devoção ao Senhor Bom Jesus e a afluência dos romeiros redobrou nos séculos seguintes. Em 1657 e 1706 surgem queixas a propósito de o gado, no caso de caprino, pastar nas serras, sobranceiras às veredas, o que fazia perigar os transeuntes que se dirigiam à missa ou em romagem. E, no último ano, refere-se a morte de “muitas pessoas das contínuas romarias”. E este culto foi-se afirmando nos séculos seguintes, persistindo com o mesmo vigor até a atualidade.

⁹⁹ Acontece assim em quase tudo. Assim com o Natal Temos: na Madeira, a par das cerimónias religiosas, um culto profano desborda, vivíssimo, da alma de toda a gente. O qual culto se exterioriza nas «dapiinhas», no estoirar das bombas, na música e nas luzes (Gouveia, 2001: 19).

religiosidade da Terra e do meio que o envolve. O madeirense molda o espaço, a terra, mas num ato mágico metamorfoseia-se com este, porque a ilha é ele e ele é a própria ilha. Daí a fé inabalável na sua proteção, o que o faz construir a sua morada à beira do abismo, no leito e margens das ribeiras, convivendo de forma permanente com o perigo, melhor dizendo, ele desafia este exorciza a desgraça¹⁰⁰. É talvez esta capacidade que o torna diferente dos demais insulares e parece-nos que único nesta abordagem da espiritualidade, muitas vezes não entendida pela igreja oficial ou obrigatoriamente tolerada. Não renega a sua origem e formação católica, mas entende que a sua espiritualidade só se completa com esta ligação à terra, que está sempre presente no seu quotidiano. E em nenhuma outra ilha esta realidade é tão presente. Deste modo as formas de expressão desta religiosidade não podem ser entendidas como uma superstição ou negação da sua religião mas sim uma forma distinta e harmónica de trazer para a sua vida as forças e energias das entidades superiores a quem acode, venera e glorifica.

Por outro lado não podemos esquecer a ilha com encruzilhada de rotas comerciais, crenças e saberes no espaço atlântico. Europeus, canarianos, africanos e judeus e, depois, protestantes, conviveram no mesmo espaço sem conflito, pois que consideramos o caso que sucedeu no século XIX com o pastor protestante Robert Kalley, mas um caso político do que religioso. Além do mais ele revela ainda uma população rural aberta a diversas manifestações da religiosidade. Isto repete-se na atualidade com o convívio das diversas crenças religiosas. A ideia de espaço de fronteira, que vem dos primórdios do povoamento, parece ser um dado adquirido da sociedade, cultura e sabedoria dos madeirenses. Desta forma são manifestas diversas formas de sincretismo religioso de entre a cultura e tradição popular, porque afinal a espiritualidade do insular/madeirense é tão ampla que permite abraçar e entender todas essas formas de religiosidade.

ALGUNS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE POPULAR MADEIRENSE. A situação da igreja nos primórdios da sua criação nos espaços insulares não está ainda devidamente esclarecida. A pouca documentação disponível não permite avançar mais quanto a sua definição e evolução e em suspenso fica a questão se o arcebispado do Funchal funcionou ou não e se, por acaso a Madeira teve por algum tempo o maior arcebispado que até hoje se conheceu. Com ou sem isso o certo é que foi, mais uma vez nesta ilha que se começaram a delinear os principais alicerces da igreja e da cristandade ocidental do Novo Mundo português. Por outro lado as polémicas em torno das Canárias revelam uma igreja dividida e comprometida com os interesses políticos da conjuntura. Esta situação levou a algum afastamento, não obstante termos indícios de uma cooperação institucional, que poderia ser mais ampla, não fora este comprometimento político das igrejas de Canárias e da Madeira.

Ainda uma investigação mais apurada deverá permitir entender os laços institucionais que se estabelecerem entre a igreja madeirense e a das demais ilhas, rastreando influências e formas de expressão de um pretense modelo, que a exemplo das instituições civis deverá também ter existido. Fica assim em aberto um campo para posterior estudo e que poderá mais uma vez evidenciar quão importante foi o arquipélago da Madeira na construção e afirmação da estrutura institucional que suporte a este novo mundo insular e atlântico.

É claro na religiosidade madeirense uma manifesta sacralização e diabolização do espaço da ilha. O Bem e o Mal fazem parte deste quotidiano como forma de fortalecimento da religiosidade popular. A ilha é o paraíso, o espaço não maculado pelo pecado original. Esta imagem do paraíso manifesta-se tanto nas suas belezas, como nas condições uberas do solo. Desta forma os primeiros que aqui nasceram mereceram o nome de Adão e Eva. Mantem-se a tradição antiga e medieval, que fala de um paraíso perdido numa ilha do Atlântico, ou então, da mítica Atlântida. A Madeira é assim o paraíso para os portugueses e continuará a sê-lo, enquanto terra capaz de lhe propiciar guarida nessa condição. Os primeiros são os filhos de Adão e Eva, mas aos poucos as portas abriram-se entraram os filhos e descendentes do Diabo.

100 *Esse pavor (...) paira na atmosfera rural da ilha como uma fatalidade suspensa (...) que, no entanto, a encaram com aquela resignação e persistência que lhes é peculiar: «Tudo o que Deus manda é bom» - dizem eles, sem ironia, submissa mente, e voltam a «empoleirar» terras, a levantar casas (...) ali mesmo onde todo o trabalho anterior foi destruído, onde terras, casas e culturas foram levadas pela torrente ou desapareceram sob desconhecidas derrocadas. (Lamas, 1956: 97)*

A figura do Diabo, que na ilha personaliza o *ca-valum*, o *bicho-mau*, materializa na cultura popular a negação de Deus e por consequência deste paraíso que ele criou, sendo assim uma intrusão dos agentes do mal a quem o madeirense procura afastar, competindo ao madeirense esconjura-lo e expulsá-lo deste paraíso atlântico¹⁰¹. Porque o madeirense é o guardião do templo/paraíso, que é a ilha e pretende manter este espaço imaculado e sagrado¹⁰². Assim temos uma quadra que refere: “Mandei fazer um barquinho/Da casca de pau de aderno,/Para embarcar o diabo,/Da Madeira p’ró Inferno “.¹⁰³

Ainda vemos no linguajar madeirense diversas expressões em que o nome do diabo está presente, mas sem querer significar sempre a mesma coisa. Umas vezes surge em oposição a Deus¹⁰⁴, noutras como sinónimo do mau e negativo¹⁰⁵, noutros com uma carga não pejorativa¹⁰⁶. A figura representada do diabo aparecia ainda na Semana Santa, para ser esconjurado¹⁰⁷. Gaspar Frutuoso e outros contam diversas lendas e Histórias sobre o diabo, em que este encarna em animais ou se apossui de alguém¹⁰⁸. Esta

presença do diabo no quotidiano madeirense é reveladora, tanto mais que eram insistentes as proibições e condenações pela sua invocação (Trindade, 1999: 122, 13).

BIBLIOGRAFIA E TESTEMUNHOS. Reunimos o que de mais significativo foi feito que permite não só uma visão teórica da problemática, mas também, a possibilidade de constatação da mesma a partir do caso particular da Madeira, onde aquilo que dizemos tem plena expressão.

IGREJA E RELIGIÃO

ABRANCHES, Joaquim dos Santos, *Fontes do Direito Eclesiástico Português. I - Summa do Bullario Português*. Coimbra, 1895

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, Lisboa, 1968, 511-518

AMORIM, Guedes de, *Mary Jane Wilson, a Irmã de S. Francisco*, Braga, Editorial Franciscana, 1975.

ANAYA HERNANDEZ, Luis Alberto, SPINOLA, Francisco Fajardo, “Una comunidad judeoconversa de origen portugues a comienzos del siglo XVI, en la isla de la Palma”, *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Lisboa, 1990, pp.685-700

“Relaciones de los Archipiélagos de Azores y de la Madera con Canarias, segun fuentes inquisitoriales (siglos XVI y XVII)”, *I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990 p. 846.

ARAGÃO, António, Alguns Tópicos para a classificação urbanística da Madeira, *Islenha*, 9, 1991, 21-31

101 Tenha-se em conta a quadra que encima este texto. Recorde-se ainda que o ato de purificação da ilha, nos primórdios da sua ocupação, aconteceu pela ação do fogo com um incêndio, que se prolongou no tempo. Tenha-se em conta que alguns autores apontam a duração deste incêndio por um número mágico e mítico de anos, isto é, sete.

102 Mesmo assim há alguns lugares amaldiçoados, como o Paul da Serra, Chão das Feiteiras e Furnas do cavaleiro em Machico, porque a montanha é ao mesmo tempo espaço sagrado, porque se aproxima do Céu, mas também acolhimento fora da sociedade desta visão do diabo encarnado. Atente-se a que segundo Chevalier (1998, p. 337), o diabo “simboliza todas as forças que perturbam, inspiram cuidados, enfraquecem a consciência e fazem-na voltar-se para o indeterminado e ambivalente; centro de noite, por oposição a Deus, que é o centro de luz”.

103 Carlos M. Santos, *Trovas e Bailados da Ilha*, Funchal, p. 1 38.

104 Veja-se, por exemplo: *Deus o Deus, o diabo o levou, Bem cum Deus, mal c'o diabo*; (CALDEIRA, 1993)

105 Por exemplo em: *cru cum ao diabo; ter o diabo no couro; vai pa'o diabo; Madrastra o diabo arrasta*. (CALDEIRA, 1993). Uma quadra popular também o expressa do seguinte modo: *Se o diabo te levasse/Para mim era um remédio,/Porque o diabo sem ti/Não faz vida no Inferno* (Carlos M. Santos, *ob. cit.*, p. 122)

106 Por exemplo: *Ah diabo; quando o diabo faz anos; que diabo de bodega é essa?*. (CALDEIRA, 1993)

107 SOUSA, Álvaro Manso, O Fato do Diabo. Curiosas Notas sobre a Misericórdia de Machico, in *Das Artes e da História da Madeira*, n.º.5069, 5 de Maio de 1949, p. 234

108 São várias as lendas e credências em que o diabo é protagonista. Uma delas aponta a crença popular de que o Chão do Paul da Serra era o local onde as bruxas se reuniam com o diabo à meia-noite para rituais satânicos. Desta forma,....ninguém – homem ou mulher – se aventura a passar por ali depois do pôr do sol; mesmo de dia, quem adrega a fazê-lo, sente sempre – e não cansa de o proclamar – misterioso arrepiro: mais uma superstição no caos de agostos e malefícios de bruxaria em que se desorienta e afunda grande parte da população insular (Lamas, 1956:75). Por outro lado o Pe Alfredo Vieira de Freitas afirmava que *A imaginação popular, em toda a parte, cria fantasmas*

(...) É certo que alguma vez Deus tem permitido que os Anjos, os espíritos bons, tomem a figura de um corpo humano, para assim aparecerem aos homens e lhes transmitirem qualquer mensagem celeste. (...) E não admira também o mesmo Deus permitir que os Demónios, os espíritos maus possam tomar a forma de um animal, de um homem e até de uma mulher, para tentar e seduzir os pobres mortais. Isto pode acontecer, mas quase sempre é a imaginação humana que cria esses fantasmas. (Freitas,1984:45). Desta forma o diabo aparece, quase sempre de noite – na figura de uma bicha-fera, de um cão medonho, de uma borrenda alimária, de um sátiro e de alguma feiticeira (Freitas, 1984:46). A tradição popular preservou várias destas situações de manhas e ardis do mal/demónio, quer num pescador do Paul do Mar que acaba por vencer o Diabo, por causa de uma cruz de cabelo que tem no peito ou, então, a lenda do pastor que vende a alma para recuperar o cão perdido, transformando-se ele próprio no Bicho Cidrão, ou seja o demónio. Há ainda o caso de um escravo mulato fugido na serra, que se disfarçou de diabo com peles de animais para assaltar as pessoas. Sobre isto veja-se: Lamas, 1956:75; Freitas, 1984:55, 59; 110, 134; Frutuoso, 1979: 108.

Para a História do Funchal. Pequenos Passos da sua História, Funchal, 1979.

- ASSUNÇÃO, Paulo, "A Presença Jesuítica no Brasil e nas Ilhas Atlânticas: do Exercício da Fé ao Exercício Temporal", in *As Ilhas e o Brasil*, Funchal, CEHA, 2000, pp.241-260.
- AZNAR VALLEJO, Eduardo, "Religiosidad popular en los orígenes del obispado de Canarias", in *VII Coloquio de Historia Canario-Americana*, II, Las Palmas, 1991, pp.221-227
- BARROS, Bernardete; GOMES, Fátima F.; SILVA, Iolanda, "A festa processional "Corpus Christi", no Funchal (séculos XV a XIX)", *I Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990 p. 344.
- Bonciani, Rodrigo Faustinoni, «Poder régio em mutação: expansão atlântica e alianças ibéricas no fim do século XV», *Nuevo Mundo Nuevos Mundos*[En ligne], Débats, mis en ligne le 28 mars 2014, consulté le 15 septembre 2014. URL : <http://nuevomundo.revues.org/66538> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.66538
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond, "A acção de D. Luís Figueiredo de Lemos, Bispo do Funchal (1585-1608)", *III Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1993, pp.563-574.
- BRAGA, Paulo Drumond, "A Actividade Diocesana de D. Martinho de Portugal na Arquidiocese Funchalense", *III Colóquio Internacional de História da Madeira, Funchal*, 1993, pp.557-562.
- BRANCO, Alfredo António de Castro Teles de Menezes de Freitas (Visconde do Porto da Cruz), *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, 3 vols, Funchal, 1949 e 1951.
- BRÁSIO, António, "O padroado da Ordem de Cristo na Madeira", in *Arquivo Histórico da Madeira*, XII, 1960-61, pp. 193-228.
- CABALLERO MUGICA, Francisco " La iglesia católica en Canarias desde los orígenes hasta el presente", in *VII Coloquio de Historia Canario-Americana*, II, Las Palmas, 1991, pp.1201-203
- CAEIRO, Maria Margarida, "Concepções da vida e da morte na Madeira entre 1580 e 1640. Alguns contributos para a História das mentalidades do arquipélago", *III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1993, 575-583.
- CAMACHO, Rui; CAMACHO, Helena; TORRES, Jorge, "Festas e Arraiais da Madeira", *Xarabanda*, 1992, Nº 1, pp. 31-36.
- CAMERON, H. K., "Pedras e sepulturas laminadas flamengas do século XVI na Madeira", *Islenha*, 1989, Nº 4, pp. 120-127.
- CANTO, Eugénio do, *Allegações Feitas Contra os Portugueses, a Favor do Rei de Castella e Leão no Concílio de Basileia, por D. Affonso, Bispo de Burgos, sobre a Conquista das Canárias*, Lisboa, 1912.
- CARDOSO, Zita, "Os expostos", 1989, *Atlântico*, Nº 20, pp. 265-271.
- "Os Maios: lenda e tradição etnográfica na Freguesia de Machico", *Islenha*, 1989, N.º4, pp. 76-78.
- CARITA, Rui, "A Capela do Senhor Jesus da Sé do Funchal", in *Islenha*, 22, 1998, 5-10.
- "A Confraria de S. José da Sé do Funchal", in *Islenha*, nº.27, 2000, pp.60-70.
- "A Igreja da Madeira nos séculos XV e XVI-O documento de sagração da Sé Catedral do Funchal", *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990 p. 325.
- "A Matriz da Freguesia da Ribeira Brava", in *Islenha*, 19, 1996, pp.53-60.
- "O Convento de S. Bernardino em Câmara de Lobos", *Girão*, 1991, N.º 6, pp.237-240.
- O Colégio dos Jesuítas do Funchal memória histórica*, 2 vols, Funchal, 1987.
- CASTELO BRANCO, Fernando, "Subsídios para a História do protestantismo na Madeira: O caso Kalley", *I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990, p. 1338.
- Constituições Sinodais do bispado do Funchal com as extravagantes novamente impressas por mandado de Dom Luís de Figueiredo de Lemos, Bispo do dito bispado*, Lisboa, 1610.
- Constituições Sinodais do Bispado do Funchal. Feitas & ordenadas por Dom Ieronimo Barreto Bispo do dito bispado*, Lisboa, 1585.
- Constituições Synodales do Bispado do Funchal. Feitas e Ordenadas por D. Jeronymo Barreto, bispo do dito bispado*, Lisboa, por Antonio Ribeiro, 1585
- Constituições Synodales do Bispado do Funchal, com*

as extravagantes novamente impressas, por mandado de D. Luis de Figueiredo de Lemos, bispo do dito Bispado, Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1601;

Constituições extravagantes do bispado do Funchal feitas e ordenadas por D. Luiz de Figueiredo de Lemos, Lisboa, impresso por Pedro Craesbeck, 1601.

CORTE, Eleutério, “A Importância das Romarias para o Conhecimento do Folclore Madeirense”, *Xarabanda*, 1992, N.º 2, pp. 13-15.

COSTA, José Pereira da, “Livros de Matrícula 1538/1553-1554/1558”, II *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990 p. 137.

“Dominicanos bispos do Funchal e Angra”, *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. II, Porto, 1987.

“Misericórdia de Machico”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1964, Vol. XIV, pp. 85-93.

“Notas sobre o Hospital e a Misericórdia do Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1964, Vol. XIV, pp. 94-239.

(e Clara de Sá Cruz) “Arquivo da Misericórdia da Calheta”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1962, Vol. XIII, pp. 215-271.

(e Maria Clara de Sá Cruz) “Arquivo da Misericórdia da Calheta”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1964, Vol. XIV, pp. 9-84.

Assistência Médico-social na Madeira (Breve Resenha Histórica), Funchal, SRAS, 1993.

Livros de Matrícula do Cabido da Sé do Funchal. 1538-1558, Funchal, CEHA, 1994

O Ambiente Cultural da Madeira no Séc. XVI. Os Livros dos Ordenados em Ordens Menores e Sacras 1538-1553, 1958, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. X, pp. 150-197.

COSTA, Mário Alberto Nunes, “A Ilha do Porto Santo em 1770”, in *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. X, Funchal, 1958

COUTINHO, J. de Sousa, “O Natal na Madeira-Estudo Etnográfico”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1955, Vol. IV, N.º 19-20, pp.58-70.

DARIAS Y PADRON, Dacio V. e outros, *Historia de la religion en Canarias*, Santa Cruz de Tenerife,

1957,

DINIS, A. J. Dias (dir., organiz. e anot. Crítica de), *Monumenta Henricina*, 15 vols, Coimbra, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960-1974.

FAJARDO-SPINOLA, Francisco, “Azores y Madeira en el Archivo de la Inquisicion Canaria (Nuevas aportaciones)”, II *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990 p. 663.

FARINHA, Maria do Carmo Jasmins Dias “Alguns elementos para a história da inquisição na Madeira”, III *Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1993, pp.679-902.

“A Madeira nos Arquivos da Inquisição”, I *Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990 p. 689.

FERNANDES, Abel Soares, *Nos Caminhos das Irmãs Wilson*, Edição das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, Lisboa, 1999.

FERNÁNDEZ SERRANO, Francisco, El ultimo obispo teldense Fr. Jaime Olcina em 1411, *Anuario de Estudios Atlanticos*, 16(1970), 287-323.

Reflexos de Uma Vida – Mary Jane Wilson, Edição das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, Funchal, 1990.

FERREIRA, Lúcia Góes, “Ritos Cíclicos em Transformação. A Visita do Divino Espírito Santo aos Barcos”, *Xarabanda*, 1994, n.º. 6, pp. 37-47.

FERREIRA, Manuel Juvenal Pita, “A ordem Seráfica na Madeira”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1964, vol. VI, N.º.32, pp.13-21.

A Ordem Seráfica da ilha da Madeira, in *DAHM*, Vol. VI, n.º 32, 1962.

A Sé do Funchal, Funchal, Edição da JGDAF, 1963.

Notas para a História da Madeira. Descobrimiento e Povoamento, Funchal, Edição da JGDAF, 1957.

O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante de 1420 a 1460, Funchal, Edição da JGDAF, 1959.

O NATAL na Madeira, Funchal, DRAC, 1999.

FIGUEIREDO, A Bandeira, *Introdução à História Médica da Madeira*, Porto, 1963.

- FONTOURA, Otilia Rodrigues, *As Clarissas na Madeira. Uma presença de 500 anos*, Funchal, CEHA, 2000.
- FRANCO, José Eduardo, "A Construção do Mito dos Jesuítas no Brasil e nas Ilhas Atlânticas (Madeira e Açores) Durante o Governo do Marquês de Pombal", in *As Ilhas e o Brasil*, Funchal, CEHA, 2000, pp.261-310.
- FREITAS, Dr. Eugénio de Andrea da Cunha e, "Alguns madeirenses que receberam ordens em Braga (1501-1544)", *Das Artes e da História da Madeira*, 1966, Vol. VI, Nº 36, pp.28-29.
- "Dois poetas madeirenses na Academia dos Anónimos de Lisboa", *Das Artes e da História da Madeira*, 1955, Vol. IV, Nº 19-20, pp.16-18.
- FREITAS, Graça; SANTOS, Manuela, "Biografia. João Augusto d'Ornellas", *Girão*, 1991, Nº 6, pp.247-248.
- FREITAS, Lourenço de, "A Antiga Igreja Matriz de Gual", in *Islenha*, 22, 1998, pp.11-30.
- "A primitiva matriz de Santa Cruz", 1992, *Islenha*, Nº 11, pp. 150-158.
- FREITAS, Manuel Pedro S., "Colégio da Preservação, em Câmara de Lobos", *Girão*, 1992, Nº 8, pp.387-39.
- FRUTUOSO, Gaspar, *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1979.
- GOMES, Dr. José Luiz de Brito, "Os primeiros Jesuítas na Madeira", *Das Artes e da História da Madeira*, 1949, pp. 113-115.
- GOMES, Eduarda Maria de Sousa, *O Convento da Encarnação do Funchal. Subsídio para a sua História. 1660-1777*, Funchal, CEHA, 1995.
- GOMES, Fátima Freitas, "Festas-romarias na Madeira", *Atlântico*, 1988, Nº 14, pp.140-149.
- GONGALVES, Ernesto, "Nossa Senhora do Monte. séc. XV e XVI", in *DAHM*, Vol. IV, nº23, 1956.
- Portugal e a ilha*, Funchal, CEHA, 1992.
- GOUVEIA, David Ferreira de, "Santo António no folclore: algumas lendas, costumes e devoções que o tempo levou", *Islenha*, 1990, Nº 6, pp. 21-33.
- GOUVEIA, Dr. Horácio Bento, "Uma procissão de almas. Narrativa secular da freguesia da Ponta Delgada", *Das Artes e da História da Madeira*, 1956, Vol. V, Nº 25, pp. 43-44.
- GUERRA, Jorge Valdemar, - "O Convento de Nossa Senhora da Piedade em Santa Cruz", in *Islenha*, 20, 1997, pp.125-156.
- "O Hospício Franciscano e a Capela de S. José da Ribeira Brava", in *Islenha*, 19, 1996, pp.53-60.
- GUICHARD, François, «La place de Madère dans l'histoire du protestantisme lusophone (XIX-XX siècles)» III *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1993, pp.585-596.
- HENRIQUES, João Maria, "Hospício da Princesa D. Maria Amélia", *Das Artes e da História da Madeira*, 1971, Nº 41, pp. 28-36.
- JARDIM, Maria Dina dos Ramos, *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal, Século XVIII*, Funchal, CEHA, 1997.
- JORDÃO, Levy Maria, *Memória Histórica sobre o bispado de Ceuta e Tânger*, Lisboa, 1858.
- KHÉDE, Sonia Salomão, "Paradigmas da literatura popular portuguesa medieval no Brasil contemporâneo: A ilha da Madeira de Baltazar Dias e o sertão nordestino de João M. Atai", II *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990, p. 1001.
- LAVAJO, Joaquim Chorão, "O Jesuíta Madeirense Manuel Álvares e a Cultura Universal", III *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1993, pp.521-540.
- LAZOLA LEON, Santiago, Aguimes. *Real Señorío de los bispos de Canarias (1486-1837)*, Gran Canaria, 1984.
- LIMA, J. A. COSTA, "O culto à Santíssima Virgem na Madeira - Uma nóvela histórica", *Das Artes e da História da Madeira*, 1948, p. 46.
- MARINO, Luís, *Musa Insular (poetas da Madeira)*, Funchal, 1959.
- MARQUES, João Martins da Silva (publ. e prefácio de), *Descobrimientos Portugueses. Documentos para a Sua História*, 3 vols e Suplemento ao volume 1, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1944-1971 [Existe uma edição fac-similada de 1988.]
- MELIM, Eker, "As Aparições da Moitadinha e o Milagre de Santana, na Madeira, em 1934", in *Isle-*

nha, 18, 1996, pp.5-23.

MIRANDA, Susana Munch, "Para a História eclesiástica da Ilha da Madeira (Segunda Metade do Século XVI) Cóngruas, Paróquias e Paroquianos", *III Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1993, pp.541-556.

NASCIMENTO, Cabral do, - "A gafaria de S. Lázaro e a sua confraria", *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. I, 1931, pp. 107-116.

"A procissão de quinta-feira de endoenças", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, 51-54.

"As freiras de Santa Clara contra Gonçalo de Marchena", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1949, Vol. VII, 193-199.

"As freiras e os doces do convento da Incarnação", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1937, Vol. V, pp.68-75.

"Capelas e morgados das Madeira", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1934-35, Vol. IV, 65-72.

"Carta escrita da China pelo padre António Lopes da Fonseca à Misericórdia do Funchal", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1950, Vol. VIII, pp. 189-195.

"Henrique Moniz Teles, o judeu malgré lui", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1939, Vol. VI, pp. 5-10.

"Maria Clementina, "the beautiful nun of Madeira"", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1934-35, Vol. IV, pp.104-111.

"O Adro da igreja de S. João Evangelista", *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. II, 1932, pp. 13-16.

"O Camões pequeno e a inquisição", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1939, Vol. VI, pp.152-157.

"O estrado de madeira da Sé do Funchal", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1939, Vol. VI, pp.11-16.

"O Hospital velho do Funchal", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1949, vol. VII, pp. 115-118.

"O imposto de S. Tiago e a procissão do voto segundo os manuscritos do tombo municipal", *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. I, 1931, pp. 4-11.

"O verdadeiro retrato de Nossa Senhora do Monte", *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. I, 1931, p.63.

"Prata e ornamentos da Sé do Funchal", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1939, Vol. VI, pp. 96-99.

"Frades em S. Francisco", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, pp. 88-93.

"Freiras e recolhidas do Bom Jesus", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, p.38.

"Freiras na Incarnação", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, pp.35-36.

"Freiras nas Capuchinhas", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, p. 37.

Principais religiosos madeirenses dos Conventos da Madeira e Portugal. "Freiras em Santa Clara", *Arquivo Histórico da Madeira*, Vols. II-III, 1932-1933, pp. 118-128, 88-93, 35-38.

NORONHA, Henrique Henriques de, *Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese do Funchal, (Ilha da Madeira) ano 1722*, Funchal, CEHA, 1996.

NOVINSKY, Anita, "Inquisição e heresias na Ilha da Madeira", I.C.I.H.M. 1990 p. 743.

OLIVAL, Fernanda, "A visita da Inquisição à Madeira em 1591-1592", in *Actas. III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1993, 493-520.

"Inquisição e a Madeira. Visita de 1618", in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. II, Funchal, DRAC, 1990, 764-818.

OLIVEIRA, João Fortunato de, "O Convento de São Bernardino em Câmara de Lobos", *Girão*, 1991, N.º 7, pp. 305-307.

PEREIRA, Eduardo C. N., *Ilhas de Zargo*, vol. II, Funchal, 1989,

PEREIRA, Fernando Jasmins, "Bens Eclesiásticos - Diocese do Funchal" in *Estudos sobre História da Madeira*, Funchal, 1991, pp. 325-327.

PEREIRA, Joaquim Plácido, "Ad Salem Sol", *Das Artes e da História da Madeira*, 1965, Vol. VI, N.º 35, pp. 26-28.

"Ordem Terceira", *Das Artes e da História da Madeira*, 1964, Vol. VI, N.º 34, pp.21-28.

"Joias franciscanas outorgadas à Ilha da Madeira Dois Bispos do Funchal Franciscanos", *Das Artes e da História da Madeira*, 1961, Vol. VI, N.º 31, pp. 53-56.

- “Joias Franciscanas outorgadas à Ilha da Madeira”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1960, Vol. V, Nº 30, pp.9-21.
- Nossa Senhora do Monte, Padroeira da Ilha da Madeira, Lisboa, 1913.
- S. Francisco de Assis na Madeira: História, lendas, tradições, Braga: Editorial Franciscana, 1993.
- PEREIRA, Pe. Eduardo C. Nunes, *Ilhas de Zargo*, vol. II, Funchal, CMF, 1989.
- PORTO DA CRUZ, Visconde, “A Procissão do Voto”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1949, Vol. VII, pp.139-146.
- RIBEIRO, Albino Pina, *Irmã Wilson – Vida – Testemunhos – Cartas*, Edição das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, 2.ª Edição, Março de 2000.
- RIBEIRO, João Adriano; FREITAS, Eduardo, “Notas e Marcas. Festa de São Martinho”, *Girão*, 1990, Nº 4, pp. 146-153.
- RUMEU DE ARMAS, Antonio, *El Obispado de Telde. Misioneros mallorquines y Catalanes en el Atlántico*, Madrid/telde, 2001,
- EL báculo del obispo de Telde, Fray Bonanat Tarí, in *Anuario de Estudios Atlánticos*, 23(1977), 409-417,
- Fray Jaime Olzina, O.P., obispo de Telde (siglos-XIV-ZV). *Nuevos textos e horizontes para una biografia*, *Anuario de Estudios Atlánticos*, 24 (1978), 255-274,
- RUSSELL, Peter E., *O Infante D. Henrique e as Ilhas Canárias: uma Dimensão Mal Compreendida da Biografia Henriquina*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1979.
- SAINZ-TRUEVA, José de, “Ex-Votos da Ilha da Madeira”, in *Islenha*, 29, 1997, pp.25-32.
- SANCHEZ DONCEL, .G. “Don Fernando Vázquez de Arce, prior de Osma y obispo dde Canarias”, in *Anuario de Estudios Atlánticos*, nº.24 (1978)
- SANTOS, Eugénio dos, “A sociedade madeirense da época moderna: alguns indicadores”, *I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990 p. 1212-1225.
- SANTOS, Manuela (e FREITAS, Graça) “Biografia Padre Pita Ferreira”, *Girão*, 1989, N.º 3, pp. 77-78.
- SANTOS, Rui, “O Cemitério Israelita do Funchal”, *Islenha*, 1992, N.º 10, pp. 125-164.
- “A família Abudarham do Funchal”, *Islenha*, 1993, N.º 12, pp. 106-140.
- “Frei Pedro da Guarda na “Insulana” de Manoel Tomás”, *Girão*, 1991, N.º 6, pp. 241-243.
- SARMENTO, Alberto Artur, “A festa do Espírito Santo na Madeira”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1951, Vol. I, N.º 6, pp. 23-24.
- “Corpus Christi”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1949, pp.210-211.
- “O fundador do Convento das Mercês”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1952, Vol. II, N.º 10, pp. 19-20.
- SILVA, Abel A. da, *Seminário do Funchal. Algumas Notas sobre a sua História*, DAHM, vol. VI, nº.34-35, 1964-1865.
- SILVA, Fernando Augusto da, “Seminário do Funchal”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1964-65, Vol. VI, N.º 34, pp. 1-12, Nº 35, pp. 12-21.
- Colégio e Igreja de S. João Evangelista do Funchal. Breve Monografia Histórica*, Funchal, 1947.
- Diocese do Funchal. Sinopse Chronologica*, Funchal, 1945.
- Elucidário Madeirense*, 2 vols. Funchal, 1965, Sousa, João José Abreu e, *O Convento de Santa Clara do Funchal*, Funchal, 1991.
- Parochia de Santo António do Funchal, Funchal, 2 vols., 1915-1916,*
- Subsídios para a História da Diocese do Funchal, volume primeiro. 1425-1800*, Funchal, 1946.
- SILVA, Mariana Xavier da, “O beato Frei Pedro da Guarda”, *Girão*, 1991, Nº 6, pp. 244-246.
- SILVA, Pe. Dr. Abel A. da, “Seminário do Funchal- Algumas Notas sobre a sua História”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1964, Vol. VI, N.º 34-35, pp. 1-12, 12-21.
- SOUSA, Álvaro Manso de, “Algumas notas sobre Nossa Senhora do Monte”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1948, pp. 22-23.
- “Auto do Milagre do Bem-aventurado Apóstolo

S. Tiago e Auto do Voto pela Cidade do Funchal ao mesmo Apóstolo lidos, convertidos em linguagem moderna”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1964, Vol. VI, Nº 34, pp. 36-38.

“Sobre a procissão de Quinta-Feira de Endoenças”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1948, pp. 37-38.

SOUSA, Fernando Nunes de, “Catolicismo e liberalismo n’O Patriota Funchalense”, in *Lusitânia Sacra*, 2ª série, 3, 1991, 155-214.

SOUSA, João de, *O convento de Santa Clara do Funchal*, Funchal, DRAC, 1991.

“A peste no Funchal em 1521. O papel de Câmara de Lobos”, 1991, *Girão*, Nº 6, pp. 256-257

SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luís, La Cuestión de Canarias, ante el Concilio de Basileia, in *Congresso Internacional de História dos Descobrimentos. Actas*, vol. IV, Lisboa, 1961, pp.505-511.

TESTA, Michael P., *O Apóstolo da Madeira*, Lisboa, 1963.

TORRES, Jorge, “A Nossa Senhora da Piedade”, *Xarabanda*, 1993, Nº 4, pp. 15-17.

VAZ, Fernando Carlos Azevedo, “S. Francisco do Funchal. A igreja, o convento, os frades”, in *DAHM*, 1948-49, IV, nº.23, 1956.

VELASCO BAYÓN, Balbino, El carmelita fray Bernardo Font, primer obispo de Canarias, *Anuario de Estudios Atlánticos*, 30(1984), 377-82.

VERÍSSIMO, João Nelson “A Confraria do Corpo Santo no séc. XVIII”, *Islenha*, 1992, Nº 10, pp. 116-124.

“A volta de um cruzeiro”, *Girão*, 1990, Nº 4, pp. 144-145.

“Confrarias: algumas questões sobre conflitos jurisdicionais na 2ª metade do século XVIII”, *Islenha*, 1994, Nº 14, pp. 26-31.

“Na roda do simbólico”, *Atlântico*, 1987, Nº 9, pp.61-70.

“O Espírito Santo nas Ilhas”, *Islenha*, 1994, Nº 14, pp. 61-71.

“Outros Judas”, *Girão*, 1991, Nº 6, pp. 249-250.

“A Festa do Espírito Santo”, *Atlântico*, 1985, Nº 1, pp.9-27

VIEIRA, Alberto, O Infante D. Henrique e o Senhorio

de Lanzarote. Implicações Políticas, Sociais e Económicas”, in *II Jornadas de História de Lanzarote e Fuerteventura*, Arrecife, 1990;

“As Constituições Sinodais das Dioceses de Angra, Funchal e Las Palmas nos séculos XV e XVII”, in *Congresso Internacional de História. Missão Portuguesa e Encontro de Culturas. Actas*, Vol. I, Braga, UCP, 1993, pp.456-481.

“Funchal, bispado”, in *Dicionário de História da Igreja*, vol.I Lisboa, 2000, pp.281-288

Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas, Funchal, CEHA, 1995.

VIERA Y CLAVIJO, Joseph, *História de Canárias*, Vol. I, Santa Cruz de Tenerife, Goya Ediciones, 1982.

WITTE, Charles Martial de, “Les Bulles d’Érection de la Province Ecclesiastique de Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. XIII, Funchal, 1962-63, pp.79-136.

ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE

- TEXTOS TEÓRICOS

AAVV, Companhia de Jesus. Ibérica nos sécs. XVI e XVII: Espiritualidade e cultura: *Actas do Colóquio Internacional*, Maio 2004.

ALMINHANA, Leticia Oliveira; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Personalidade e religiosidade/espiritualidade (R/E). *Revista de Psiquiatria Clínica*, 2009, 36.4: 153-161.

ALVARADO, K.A.; Templer, D.I.; Bresler, C.; Thomas-Dobson, T. - The relationship of religious variables to death depression and death anxiety. *J. Clinl Psychol* 51:202-204, 1995.

ALVAREZ Santalo, G. e outros (coords.), *La Religiosidad popular*, 3 vols. Barcelona, 1989

AMATUZZI, Mauro Martins “Esboço de uma Teoria do desenvolvimento religioso”. In PAIVA, Geraldo José de (org.). *Entre Necessidade e Desejo: Diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Loyola, 2001, 25-52.

_____(org.)*Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus. 2005

ANGELO, Margareth. Ouvindo a voz da família: narrativas sobre sofrimento e espiritualidade. *Mundo*

- Saúde*, 2010, 34.4: 437-43.
- BACHELARD, Gaston, 1985, *L'eau et les rêves*, Paris.
- BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BARCELLOS, José Carlos. Literatura e espiritualidade. *Bauru: Edusc*, 2001.
- BAYARD, Jean Pierre. *A Espiritualidade da Maçonaria: da Ordem Iniciática Tradicional às Obediências*. São Paulo, Ed. Madra, 2004.
- BELLINI, Lígia. Penas, e glórias, pesar, e prazer: espiritualidade e vida monástica feminina em Portugal no Antigo Regime. *Formas de crer. Ensaios de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV–XXI*. Salvador: EDUFBA, 2006, 81-105.
- BERMUNDEZ, Felipe, *Fiesta Canaria, una interpretación teológica*, Las Palmas.
- BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos, e curandeiros em Portugal no século XVI*; Companhia das letras, São Paulo.
- BOFF, L. Ecologia e espiritualidade. *Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico*. São Paulo: Loyola, 1992.
- BOFF, Leonardo, and Frei Betto. *Mística e espiritualidade*. Editora Garamond, 1994.
- BORGES, Célia Maia. Espiritualidade Mística na Península Ibérica—Séculos XVI e XVII. *Locus-Revista de História*, 2004, 10.2.
- Santa Teresa e a espiritualidade mística: a circulação de um ideário religioso no Mundo Atlântico. In: *Actas do Congresso Internacional O Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedade*. Lisboa: FCSH/UNL. 2005.
- BORRALHO, Maria Luísa Malato. Ter Espírito ou A Espiritualidade do último cortesão». *Revista da Faculdade de Letras—Línguas e literaturas. Anexo V—Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs. XV–XVIII*, 1993, 217-232.
- BRAGANÇA, Joaquim de Oliveira. *A Parábola das Virgens na espiritualidade medieval*. 1972.
- BUTZKE, Paulo Alfonso. Aspectos de uma espiritualidade luterana para nossos dias. *Estudos Teológicos*, 2013, 43.2: 104-120.
- CAES, Andre Luiz. *As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política (1872-1916)*. 2002.
- CAPRA, Fritjof; MATUS, Thomas. *Pertencendo ao universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. Cultrix, 1994.
- CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David. *Pertencendo ao universo—Explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. Tradução de Maria de Lourdes Eichenberger e Newton Roberval Eichenberger. 2004.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a naturalização do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & sociedade*, 2008, 11.2: 289-305.
- CARVALHO, José Jorge de. *O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade*. Nº. 131. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1992.
- CASALDÁLIGA, Pedro, and José María Vigil. *Espiritualidade da libertação*. Vol. 9. Vozes, 1993.
- CAVALCANTE, Ronaldo. *Espiritualidade cristã na história: das origens até Santo Agostinho*. Paulinas, 2007.
- CAVALCANTI, Raíssa. *O retorno do sagrado: A reconciliação entre ciência e espiritualidade*. 2000.
- CHAMORRO, Graciela; GUARANI, A. Espiritualidade. Uma teologia ameríndia da palavra. *São Leopoldo: IEPG/Ed. Sinodal*, 1998.
- A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra*. Vol. 10. Iepg, 1998.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, 1999, Alain, *Dicionário de Símbolos*, 14ª edição, Rio de Janeiro.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- CORBÍ, Maria *Para uma espiritualidade leiga: sem crenças, sem religiões, sem deuses*. São Paulo: Paulus, 2010.
- CRESPO, Samyra. Sincretismo ou ecletismo religioso? Notas para um estudo sobre a espiritualidade ecologista. *Comunicações do ISER*, 1994, 45.

- D'EPINAY, Christian Lalive. Religião, espiritualidade e sociedade: estudo sociológico do pentecostalismo latino-americano. *Cadernos do ISER*, 1977, 6: 5-10.
- DREBES, Haidi. *A expressão da espiritualidade na obra pictórica de Frida Kahlo no horizonte da teologia da cultura de Paul Tillich*. 2005. 173 F. 2005. PhD Thesis. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)—Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- ELIADE, Mircea, 1989, *Mitos, Sonhos e Mistérios*, Lisboa.
- 1956, *O Sagrado e o Profano*, Livros do Brasil, Lisboa.
- ESPÍNDULA, Joelma Ana; VALLE, E. R. M.; BELLO, Angela Ales. Religião e espiritualidade: um olhar de profissionais de saúde. *Rev Latino-Am Enferm [Internet]*, 2010, 18.6: 1229-1236.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. *Espelhos, Cartas e Guias Casamento e Espiritualidade*. 1995.
- FERREIRA, Maria Isabel Rodrigues. *A normativa das ordens militares portuguesas: (séculos XII-XVI): poderes, sociedade, espiritualidade*. 2004.
- FRANCO, A. Cândido. Uma espiritualidade portuguesa. *Espacio/Espaço Escrito*, 1997, 13-14.
- FRANKIEL, Tamar. A voz de Sara: espiritualidade feminina e Judaísmo tradicional. *Tradução Áida Lerner*. São Paulo: Maoyant, 2000.
- GALILEA, A. *A Sabedoria do Deserto—Atualidade dos Padres do Deserto na Espiritualidade Contemporânea. A Oração dos Pobres*, 1986.
- GALILEA, Segundo; GAIO, Luiz João; FRIAS, Eliane Henrique N. *As raízes da espiritualidade latino-americana:(os místicos ibéricos)*. Edições Paulinas, 1986.
- GAUTHIER, J., et al. A dimensão da espiritualidade na pesquisa em ciências sociais: O aporte da sociopoética. Santos I, Gauthier J, Figueiredo NMA, Petit SH. *Prática de pesquisa em ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética*. São Paulo: Atheneu, 2005, 115-38.
- GIOVANETTI, José Paulo 2004 “O Sagrado na psicoterapia “. In ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org.) *Vanguarda em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*. São Paulo: Pioneira, 1-26.
- 2005 “Psicologia e espiritualidade”. in AMATUZZI, Mauro Martins (org.) *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 129-145.
- GUERREIRO, M. Viegas. *Para a história da literatura popular portuguesa*. Amadora: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978
- HARADA, Hermógenes. *Coisas, Velhas e Novas: à margem da espiritualidade franciscana*. 2006.
- HEIMANN, Thomas. Face a face com Deus: A espiritualidade diante da morte e do morrer. HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, T. *Aconselhamento Pastoral e espiritualidade. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2008, 46-51.
- HENNEZEL, Marie de, and Jean-Yves Leloup. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*. Vozes, 2009.
- HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. *A Arte de Morrer: Tradições Religiosas e Espiritualidade Humanista diante da Morte na Atualidade*. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- HIGHET, E. A. Não comer e não beber como opção da espiritualidade religiosa: jejum e abstinência nas religiões. *Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião, São Bernardo do Campo-SP, ano XIX*, 2005, 28: 106-127.
- JARROS, Rafaela Behs, et al. Estudo bibliométrico da produção brasileira na interface da psicologia com espiritualidade-religiosidade. *Psic: revista da Vetor Editora*, 2008, 9.2: 251-258.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum*. 6. ed. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- LEIS, Héctor R. Espiritualidade e Globalização na perspectiva do ambientalismo. *Ambiente e Sociedade*, 1998, 2.1.
- LELOUP, Jean-Yves; HENNEZEL, Marie de. *A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade*

- humanista diante da morte na atualidade*. 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- _____. *Mito e significado*. Tradução de António Marques Bessa. Lisboa: 70, 1987.
- MALINOWSKI, B. - *Magic, science and religion*. Doubleday, New York, 1954.
- MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. *A espiritualidade como experiência do corpo*. São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1997.
- MARTINS, Alexandre Andrade. Consciência de finitude, sofrimento e espiritualidade. *O Mundo da Saúde*. São Paulo, 2007, 31.2: 174-178.
- MARTINS, Mário; MÁRIO MARTINS, S. J. *O ciclo franciscano na nossa espiritualidade medieval*. 1951.
- MARTINS, Mauro (org.), *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus.
- MATA, Joel Silva Ferreira. A Religião e a Espiritualidade na Comenda de Sesimbra, em 1516. *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, 2: 375-385.
- MEIRELES, Maria Teresa. *Elementos e entes sobrenaturais nos contos e lendas*. Lisboa: Vega, 1999.
- MELLO, Gláucia BR de Milenarismo Brasileiro: Novas Gnoses, Ecletismo Religioso e uma Nova Era de Espiritualidade Universal. IN: MUSUMECI, L. (org.), *Antes do Fim do Mundo: Sete Estudos sobre Milenarismos e Messianismos no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, 103-118.
- MESQUITA, Armindo Teixeira. *Simbolismo e espiritualidade na poesia de Teixeira de Pascoaes*. 1996.
- MINETT, Gunnel. *Respiração e Espiritualidade: Rebirth-uma técnica de cura*. São Paulo: Pensamento, 1994.
- MOREIRA DE FREITAS CARVALHO, José Adriano. *Gertrudes de Helfta e Espanha: contribuição para estudo da história da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII*. 1981.
- MULLER, M.; TEIXEIRA, E. ; SILVA, J. - *Espiritualidade e qualidade de vida*. Edipucrs, Porto Alegre, 2004.
- PAIVA, Geraldo José de (org.) 2005 *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus.
- (org.). 2001 *Entre Necessidade e Desejo: Diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Loyola.
- 2005 "Psicologia da religião psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina". In AMATUZZI, Mauro Martins (org.) *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 31-48.
- PAIVA, Geraldo José de, 2005 "Religião e espiritualidade: um olhar psicológico". In AMATUZZI,
- PARGAMENT, K.I. - *The Psychology of religion and coping: theory, research, and practice*. Guilford Press, New York, 1997.
- PEDROSO, Consiglieri, 1988, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, Lisboa.
- PFEIFER, Suzana Susi. *Criatividade: um estudo nas fronteiras da ciência, da arte e da espiritualidade*. Diss. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção., 2001.
- PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e Religiosidade: articulações. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, 2009, 4: 68-83.
- RÊGO, Célia; JESUS, Elisabete; AMORIM, Inês. Uma confraria urbana à sombra de um espaço conventual—os irmãos da Ordem Terceira de São Francisco do Porto—espiritualidade e sociabilidade (1633-1720; 1699-1730). *Em torno dos espaços religiosos—monásticos e eclesiásticos: Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, 2005, 111-133.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Holismo, Ecologia e Espiritualidade: caminhos de uma gestalt plena*. Summus, 2009.
- RIVAS NETO, Francisco. *Espiritualidade e Ciência na Teologia das Religiões Afro-brasileiras*. São Paulo: FTU Editora, 2010.
- SAAD, M.; NASRI, F. Grupos de religiosidade e espiritualidade. *Psicologia e Humanização: Assistência a pacientes graves*, 2008, 349-359.
- SANCHIS, Pierre, 1992, *Arraial: Festa de um povo*, Lisboa.
- SANTO, Moisés Espírito, *A religião popular portuguesa*, Porto, s. d.

- SANTOS, Maria da Graça Lopes da; POÇAS, Silva Mouga. *Espiritualidade e território: estudo geográfico de Fátima*. 2005.
- SANTOS, Zulmira. *A presença de Petrarca na literatura de espiritualidade do século XV: O Bosco Deleitoso*. 1989.
- Literatura e espiritualidade na obra de Teodoro de Almeida: 1722-1804*. 2002.
- SIQUEIRA, Lourdes. Iyami Iya Agbas dinâmica da espiritualidade feminina em templos afro-baianos. *Estudos Feministas*, 1995, 3.2: 436.
- SIQUEIRA, Sonia. *A elaboração da Espiritualidade do Brasil Colônia: O problema do Sincretismo*. in: Anais do Museu paulista, S. Paulo, 1978, pp. 211-228.
- SOARES, Maria Luísa de Castro. *Camões e Pascoaes. Dimensão profética e idealismo humano de dois poetas da espiritualidade portuguesa*. 1999. PhD Thesis. Dissertação de Doutorado, Vila Real, UTAD.
- SOUSA, Ivo Carneiro. *A rainha D. Leonor (1458-1525): poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal do Renascimento*. 2002.
- A Rainha da Misericórdia na história da espiritualidade em Portugal na época do Renascimento*. 1992.
- SOUZA, Laura de Melo e. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração. Ensaio sobre a trindade ea espiritualidade cristã*. Curitiba, PR, 1996.
- STARK, R.; BAINBRIDGE, W.S. - *A theory of religion*. Rutgers University Press, New Brunswick, 1996.
- STRACK, Hanna. "A bênção do ventre materno: o útero na simbologia da europa antiga, do Egito antigo, na bíblia e as consequências para uma espiritualidade da criação, hoje." REIMER, IR, MATOS, K. *Mitologia e Literatura Sagrada: Contribuições do III Congresso Internacional de Ciências da Religião*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009.
- TEIXEIRA, F. Os caminhos da espiritualidade: um olhar com base nas tradições místicas. Vasconcelos, E. M. (organizador). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- TRINCA, Walter; EDITORA, Papirus. *O espaço mental do homem novo*. São Paulo: Papirus, 1997.
- TUDELA, Alberto Galván, 1987, *Las Fiestas Populares Canarias*, Santa Cruz de Tenerife.
- VALENÇA, Manuel Augusto Calheiros. *Mística da Confraria do Rosário e São Benedito no Porto (século XVIII)–Espiritualidade a nível popular*. In: *Actas do Congresso Internacional de Piedade Popular (1998)*. 1999. p. 133-146.
- VALLE, Edênio R. 1998 *Psicologia e Experiência Religiosa*. São Paulo: Loyola.
- Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. *Psicologia e espiritualidade*, 2005, 83-107.
- VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana; PRÉVIA, Nota. *A Ordem Militar de Cristo na baixa Idade Média: espiritualidade, normativa e prática*. 1999.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Zahar, 1995.
- VEIT, C. A.; VAZ, C. E.; VEIT, C. A. A espiritualidade na história da psicologia: das origens à pós-modernidade. *Personalidade, cultura e técnicas projetivas: psicologia da personalidade*, 2002, 33-68.
- VEIT, Carlos A. *Espiritualidade e Personalidade na História da Psicologia: das origens à Pós-Modernidade*. Vaz, CE & Veit, CA *Personalidade, Cultura e Técnicas Projetivas: Psicologia da Personalidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- VIGIL, José Maria. *Espiritualidade do pluralismo religioso—uma experiência espiritual emergente. ASETT (org.). Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Editora Rede, 2003, 121-134.
- Traços da espiritualidade missionária a partir da América Latina. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, 2004, 64.253: 27-40.
- VILA-CHÃ, João J. Filosofia e espiritualidade: O génio da idade média. *Revista portuguesa de filosofia*, 2008, 64.1: 1-18.

- VOVELLE, Michel, *Piété baroque et d'échrisianisation en Provenceau XVIII^e siècle*, Paris, 1978
- XAVIER, Marlon. O conceito de religiosidade em CG Jung. *Psico*, 2006, 37.2.
- WEIL, P. - *Fronteiras da evolução e da morte*. Vozes, Petrópolis, 1995.
- YOUNG, J.L.; Griffth, E.E. - The development and practice of pastoral counseling. *Hosp Community Psychiatry* 40 (3): 271-276, 1989.
- ZILLES, Urbano. Espiritualidade cristã. *Chanceler*, 2004, 10.
- ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE MADEIRENSE.**
- AAVV, 1982, *Aquele espesso negrume* (variações sobre um mesmo tema: Machico e Machim na Alvorada da ilha), Machico.
- AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira - Credos e superstições milagres e outros sucedimentos*, Guimarães, 1942
- AMORIM, Guedes de, *Mary Jane Wilson, a Irmã de S. Francisco*, Braga, Editorial Franciscana, 1975.
- ANAYA HERNANDEZ, Luis Alberto, SPINOLA, Franc. Fajardo, "Una comunidad judeoconversa de origen portugues a comienzos del siglo XVI, en la isla de la Palma", *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Lisboa, 1990, pp.685-700
- "Relaciones de los Archipielagos de Azores y de la Madera con Canarias, segun fuentes inquisitoriales (siglos XVI y XVII)", *I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990 p. 846.
- ASSUNÇÃO, Paulo, "A Presença Jesuítica no Brasil e nas Ilhas Atlânticas: do Exercício da Fé ao Exercício Temporal", in *As Ilhas e o Brasil*, Funchal, CEHA, 2000, pp.241-260.
- AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de, *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, Funchal, 1980
- BARROS, Bernardete; GOMES, Fátima F.; SILVA, Iolanda, "A festa processional "Corpus Christi", no Funchal (séculos XV a XIX)", *I Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990 p. 344.
- BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond, "A acção de D. Luís Figueiredo de Lemos, Bispo do Funchal (1585-1608) ", *III Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1993, pp.563-574.
- BRAGA, Paulo Drumond, "A Actividade Diocesana de D. Martinho de Portugal na Arquidiocese Funchalense", *III Colóquio Internacional de História da Madeira, Funchal*, 1993, pp.557-562.
- BRAGA, Teófilo, *Romanceiro geral português*, 3 vols., Lisboa, 1982
- *O Povo português nos seus costumes crenças e tradições*, Vol. II, Lisboa, 1986
- BRANCO, Alfredo António de Castro Teles de Menezes de Freitas (Visconde do Porto da Cruz), *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, 3 vols, Funchal, 1949 e 1951.
- BRANCO, Jorge de Freitas, Entre a imagem e a realidade reflexões sobre a Madeira como experiência antropológica, *I CIHM*, I vol., Funchal, 1989, pp. 270
- BRÁSIO, António, "O padroado da Ordem de Cristo na Madeira", in *Arquivo Histórico da Madeira*, XII, 1960-61, pp. 193-228.
- BRUDT, Kate, Madeira-estudo linguístico-etnográfico, *Boletim de Filologia*, V, 1-4, 193-136, 59-95, 289-349.
- CALDEIRA, Abel Marques, *Falares Madeirense. Dicionário da Linguagem popular madeirense*, Funchal, 2ª edição, 1993.
- CAEIRO, Maria Margarida, "Concepções da vida e da morte na Madeira entre 1580 e 1640. Alguns contributos para a História das mentalidades do arquipélago", *III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1993, 575-583.
- CAMACHO, Rui; CAMACHO, Helena; TORRES, Jorge, "Festas e Arraiais da Madeira", *Xarabanda*, 1992, Nº 1, pp. 31-36.
- CAMERON, H. K., "Pedras e sepulturas laminadas flamengas do século XVI na Madeira", *Islenha*, 1989, Nº 4, pp. 120-127.
- CARDOSO, Zita, "Os expostos", 1989, *Atlântico*, Nº 20, pp. 265-271.
- "Os Maios: lenda e tradição etnográfica na Freguesia de Machico", *Islenha*, 1989, N.º4, pp. 76-78.

- CARITA, Rui, "A Capela do Senhor Jesus da Sé do Funchal", in *Isleinha*, 22, 1998, 5-10.
- "A Confraria de S. José da Sé do Funchal", in *Isleinha*, nº.27, 2000, pp.60-70.
- O Colégio dos Jesuítas do Funchal memória histórica*, 2 vols, Funchal, 1987.
- A Matriz da Freguesia da Ribeira Brava", in *Isleinha*, 19, 1996, pp.53-60.
- "O Convento de S. Bernardino em Câmara de Lobos", *Girão*, 1991, N.º 6, pp.237-240.
- CASTELO BRANCO, Fernando, "Subsídios para a História do protestantismo na Madeira: O caso Kalley", I *Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990, p. 1338.
- Constituições Sinodais do bispado do Funchal com as extravagantes novamente impressas por mandado de Dom Luís de Figueiredo de Lemos, Bispo do dito bispado*, Lisboa, 1610.
- Constituições Sinodais do Bispado do Funchal. Feitas & ordenadas por Dom Ieronimo Barreto Bispo do dito bispado*, Lisboa, 1585.
- CASTRO, Ferreira, 1977, *Eternidade*, 13ª edição, Lisboa, Guimarães & Ca.
- CORTE, Eleutério, "A Importância das Romarias para o Conhecimento do Folclore Madeirense", *Xarabanda*, 1992, N.º 2, pp. 13-15.
- COSTA, José Pereira da, "Livros de Matrícula 1538/1553-1554/1558", II *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990 p. 137.
- (e Clara de Sá Cruz) "Arquivo da Misericórdia da Calheta", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1962, Vol. XIII, pp. 215-271.
- (e Maria Clara de Sá Cruz) "Arquivo da Misericórdia da Calheta", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1964, Vol. XIV, pp. 9-84.
- "Misericórdia de Machico", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1964, Vol. XIV, pp. 85-93.
- "Dominicanos bispos do Funchal e Angra", *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. II, Porto, 1987.
- "Notas sobre o Hospital e a Misericórdia do Funchal", *Arquivo Histórico da Madeira*, 1964, Vol. XIV, pp. 94-239.
- Assistência Médico-social na Madeira (Breve Resenha Histórica)*, Funchal, 1993.
- O Ambiente Cultural da Madeira no Séc. XVI. Os Livros dos Ordenados em Ordens Menores e Sacras 1538-1553, 1958, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. X, pp. 150-197.
- COSTA, Mário Alberto Nunes, "A Ilha do Porto Santo em 1770", in *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. X, Funchal, 1958
- COUTINHO, J. de Sousa, "O Natal na Madeira-Estudo Etnográfico", *Das Artes e da História da Madeira*, 1955, Vol. IV, Nº 19-20, pp.58-70.
- DIONISIO, Sant'Anna, 1970, *Ilha da Madeira e suas virtualidades espirituais*, Lisboa.
- FAJARDO-SPINOLA, Francisco, "Azores y Madeira en el Archivo de la Inquisicion Canaria (Nuevas aportaciones)", II *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990 p. 663.
- FARINHA, Maria do Carmo Jasmins Dias, "Alguns elementos para a história da inquisição na Madeira", III *Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1993, pp.679-902.
- "A Madeira nos Arquivos da Inquisição", I *Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990 p. 689.
- FERNANDES, Abel Soares, *Nos Caminhos das Irmãs Wilson*, Edição das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, Lisboa, 1999.
- Reflexos de Uma Vida – Mary Jane Wilson*, Edição das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, Funchal, 1990.
- FERRÉ, Coligido por Pere | Editado por Sandra Boto, *Novo Romanceiro do arquipélago da Madeira*, Funchal, 2008.
- FERREIRA, Lídia Goes, "Ritos Cíclicos em Transformação. A Visita do Divino Espírito Santo aos Barcos", *Xarabanda*, 1994, nº. 6, pp. 37-47.
- FERREIRA, Manuel Juvenal Pita, "A ordem Seráfica na Madeira", *Das Artes e da História da Madeira*, 1964, vol. VI, Nº.32, pp.13-21.
- A Sé do Funchal*, Funchal, Edição da JGDAF, 1963.
- Notas para a História da Madeira. Descobrimiento e Povoamento*, Funchal, Edição da JGDAF, 1957.

- O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante de 1420 a 1460*, Funchal, Edição da JGDAF, 1959.
- O NATAL na Madeira*, Funchal, DRAC, 1999.
- FONTOURA, Otília Rodrigues, *As Clarissas na Madeira. Uma Presença de 500 anos*, Funchal, CEHA, 2000.
- FRANCO, José Eduardo, "A Construção do Mito dos Jesuítas no Brasil e nas Ilhas Atlânticas (Madeira e Açores) Durante o Governo do Marquês de Pombal", in *As Ilhas e o Brasil*, Funchal, CEHA, 2000, pp.261-310.
- FREITAS, Alfredo Vieira. *Era uma vez na Madeira*. 2. ed. Funchal: Eco do Funchal, 1984.
- FREITAS, António Aragão de, *Madeira Investigação Bibliográfica*, 3 vols., Funchal, 1981-1984
- FREITAS, Dr. Eugénio de Andrea da Cunha e, "Alguns madeirenses que receberam ordens em Braga (1501-1544)", *Das Artes e da História da Madeira*, 1966, Vol. VI, Nº 36, pp.28-29.
- "Dois poetas madeirenses na Academia dos Anónimos de Lisboa", *Das Artes e da História da Madeira*, 1955, Vol. IV, Nº 19-20, pp.16-18.
- FREITAS, Graça; SANTOS, Manuela, "Biografia. João Augusto d'Ornellas", *Girão*, 1991, Nº 6, pp.247-248.
- FREITAS, Lourenço de, "A Antiga Igreja Matriz de Gaula", in *Islenha*, 22, 1998, pp.11-30.
- "A primitiva matriz de Santa Cruz", 1992, *Islenha*, Nº 11, pp. 150-158.
- FREITAS, Manuel Pedro S., "Câmara de Lobos e a epidemia de cólera de 1910", *Girão*, 1990, Nº 5, pp.196-199.
- "Colégio da Preservação, em Câmara de Lobos", *Girão*, 1992, Nº 8, pp.387-39.
- FRUTUOSO, Gaspar, *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1979.
- GOMES, Dr. José Luiz de Brito, "Os primeiros Jesuítas na Madeira", *Das Artes e da História da Madeira*, 1949, pp. 113-115.
- GALHOZ, Maria Arlete Dore, *Romanceiro popular português, I, Romances Tradicionais*, Lisboa, 1987
- GOMES, A.F., O Símbolo do Mal nas Lendas Madeirenses, in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. VII, nº.38, pp. 24-26.
- GOMES, J. Reis, 1935, *Natais, Contos e Narrativas*, Funchal.
- GOMES, Eduarda Maria de Sousa, *O Convento da Encarnação do Funchal. Subsídio para a sua História. 1660-1777*, Funchal, CEHA, 1995.
- GOMES, Fátima Freitas, "Festas-romarias na Madeira", *Atlântico*, 1988, Nº 14, pp.140-149.
- GONGALVES, Ernesto, "Nossa Senhora do Monte. séc. XV e XVI", in *DAHM*, Vol. IV, nº23, 1956.
- Portugal e a ilha*, Funchal, CEHA, 1992.
- GONÇALVES, José António, "Biografia. Joaquim Pestana", *Girão*, 1990, Nº 4, pp.125-128.
- 1988, *20 textos para falar de mim*, Funchal.
- 2000, *Lembro-me desses Natais*, Funchal.
- GONÇALVES, Manuel, 1994, *Versos*, Funchal.
- GOUVEIA, David Ferreira de, "Santo António no folclore: algumas lendas, costumes e devoções que o tempo levou", *Islenha*, 1990, Nº 6, pp. 21-33.
- GOUVEIA, Dr. Horácio Bento, "Uma procissão de almas. Narrativa secular da freguesia da Ponta Delgada", *Das Artes e da História da Madeira*, 1956, Vol. V, Nº 25, pp. 43-44.
- GUERRA, Jorge Valdemar, "O Convento de Nossa Senhora da Piedade em Santa Cruz", in *Islenha*, 20, 1997, pp.125-156.
- (e Nelson Veríssimo) "O Hospício Franciscano e a Capela de S. José da Ribeira Brava", in *Islenha*, 19, 1996, pp.53-60.
- "Uma memória de 1822 do funchalense João Pedro Drumond", *Islenha*, 1993, Nº 12, pp. 181-208.
- GUICHARD, François, «La place de Madère dans l'histoire du protestantisme lusophone (XIX-XX siècles)» III *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1993, pp.585-596.
- HENRIQUES, João Maria, "Hospício da Princesa D. Maria Amélia", *Das Artes e da História da Madeira*, 1971, Nº 41, pp. 28-36.
- JARDIM, Maria Dina dos Ramos, *A Santa Casa da*

Misericórdia do Funchal, Século XVIII, Funchal, CEHA, 1997.

KHÉDE, Sónia Salomão, “Paradigmas da literatura popular portuguesa medieval no Brasil contemporâneo: A ilha da Madeira de Baltazar Dias e o sertão nordestino de João M. Atai”, II *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1990, p. 1001.

LAMAS, Maria, 1956, *Arquipélago do Funchal, Maravilha Atlântica*, Funchal, Eco do Funchal.

LAVAJO, Joaquim Chorão, “O Jesuíta Madeirense Manuel Álvares e a Cultura Universal”, III *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1993, pp.521-540.

LIMA, J. A. COSTA, “O culto à Santíssima Virgem na Madeira - Uma nóttula histórica”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1948, p. 46.

MARINO, Luís, *Musa Insular (poetas da Madeira)*, Funchal, 1959.

MELIM, Eker, “As Aparições da Moitadinha e o Milagre de Santana, na Madeira, em 1934”, in *Isleinha*, 18, 1996, pp.5-23.

Memórias sobre a criação e augmento do estado eclesiástico na Ilha da Madeira, in *Heraldo da Madeira*, nºs 564-648, 1906.

MIRANDA, Susana Munch, “Para a História eclesiástica da Ilha da Madeira (Segunda Metade do Século XVI) Côngruas, Paróquias e Paroquianos”, III *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 1993, pp.541-556.

MONTEIRO, Maria de Condes de Oliveira, Porto Santo. Monografia, linguística, etnografia e folclórica, *Revista Portuguesa de Filologia*, I-III (1947-50), 340-390, 28-92, 90-151.

MOUTINHO, José Viale, coordenação, apresentação e texto, *Contos populares das ilhas da Madeira e do Porto Santo*, Funchal, Nova Delphi, 2011.

NASCIMENTO, Cabral do, - “A gafaria de S. Lázaro e a sua confraria”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. I, 1931, pp. 107-116.

“A procissão de quinta-feira de endoenças”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, 51-54.

“As freiras de Santa Clara contra Gonçalo de Marchena”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1949, Vol. VII, 193-199.

“As freiras e os doces do convento da Incarnação”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1937, Vol. V, pp.68-75.

“Capelas e morgados das Madeira”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1934-35, Vol. IV, 65-72.

“Carta escrita da China pelo padre António Lopes da Fonseca à Misericórdia do Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1950, Vol. VIII, pp. 189-195.

“Henrique Moniz Teles, o judeu malgré lui”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1939, Vol. VI, pp. 5-10.

“Maria Clementina, “the beautiful nun of Madeira””, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1934-35, Vol. IV, pp.104-111.

“O Adro da igreja de S. João Evangelista”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. II, 1932, pp. 13-16.

“O Camões pequeno e a inquisição”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1939, Vol. VI, pp.152-157.

“O estrado de madeira da Sé do Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1939, Vol. VI, pp.11-16.

“O Hospital velho do Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1949, vol. VII, pp. 115-118.

“O imposto de S. Tiago e a procissão do voto segundo os manuscritos do tombo municipal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. I, 1931, pp. 4-11.

“O verdadeiro retrato de Nossa Senhora do Monte”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. I, 1931, p. 63.

“Prata e ornamentos da Sé do Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1939, Vol. VI, pp. 96-99.

“Frades em S. Francisco”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, pp. 88-93.

“Freiras e recolhidas do Bom Jesus”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, p.38.

“Freiras na Incarnação”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, pp.35-36.

“Freiras nas Capuchinhas”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, p. 37.

Principais religiosos madeirenses dos Conventos da Madeira e Portugal. “Freiras em Santa Clara”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vols. II-III, 1932-1933, pp. 118-128, 88-93, 35-38.

- NÓBREGA, Manuel de, Anais da Quinta Grande, in *Girão*, nº 3-8, (1890-1992).
- Provérios; Anexins; Adágios; Ditos; Brocados; Rifões; Apotegmas, in *Xarabanda*, 2005-2006, pp.79-83.
- NORONHA, Henrique Henriques de, *Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese do Funchal, (Ilha da Madeira) ano 1722*, Funchal, CEHA, 1996.
- NOVINSKY, Anita, “Inquisição e heresias na Ilha da Madeira”, I C.I.H.M. 1990 p. 743.
- OLIVAL, Fernanda, “A visita da Inquisição à Madeira em 1591-1592”, in *Actas. III Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, CEHA, 1993, 493-520.
- “Inquisição e a Madeira. visita de 1618”, in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Vol. II, Funchal, DRAC, 1990, 764-818.
- OLIVEIRA, Andréia de, Duas ilhas e um mesmo oceano: Mitos, Símbolos e identidade nas lendas de São Francisco do Sul e da ilha da Madeira, *Anuário do CEHA*, 2010, pp.145-181.
- OLIVEIRA, A. Lopes, 1969, *Arquipélago da Madeira, Epopeia Humana*, Braga.
- OLIVEIRA, Dr. João José Maria de, “Frades em S. Francisco”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, pp. 88-93.
- “Freiras e recolhidas do Bom Jesus”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, p.38.
- “Freiras nas Capuchinhas”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, p. 37.
- “Freiras na Encarnação”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1933, Vol. III, pp.35-36.
- Principais religiosos madeirenses dos Conventos da Madeira e Portugal. “Freiras em Santa Clara”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Vols. II-III, 1932-1933, pp. 118-128, 88-93, 35-38.
- OLIVEIRA, João Fortunato de, “O Convento de São Bernardino em Câmara de Lobos”, *Girão*, 1991, N.º 7, pp. 305-307.
- PEDROSO, Consiglieri, *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos*, 2 vols., Lisboa, 1988.
- PEREIRA, Fernando Jasmins, “Bens Eclesiásticos - Diocese do Funchal” in *Estudos sobre História da Madeira*, Funchal, 1991, pp. 325-327.
- PEREIRA, Joaquim Plácido, “Ad Salem Sol”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1965, Vol. VI, Nº 35, pp. 26-28.
- “Idem, Ordem Terceira”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1964, Vol. VI, N.º 34, pp..21-28.
- “Jóias Franciscanas outorgadas à Ilha da Madeira”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1960, Vol. V, Nº 30, pp.9-21.
- “Jóias franciscanas outorgadas à Ilha da Madeira Dois Bispos do Funchal Franciscanos”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1961, Vol. VI, Nº 31, pp. 53-56.
- Nossa Senhora do Monte, Padroeira da Ilha da Madeira*, Lisboa, 1913.
- PEREIRA, José António Correia, Frei, S. Francisco de Assis na Madeira: História, lendas, tradições, Braga: Editorial Franciscana, 1993.
- PEREIRA, Pe. Eduardo C. Nunes, *Ilhas de Zargo*, vol. II, Funchal, CMF, 1989 (nomeadamente pp.421-529).
- Misericórdia do Porto Santo, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1964, Vol. XIV, pp. 240-256.
- PEREIRA, Manuel Plácido, *Nossa Senhora do Monte, padroeira da Ilha da Madeira*, Lisboa, 1913.
- PESTANA, Eduardo Antonino, 1965, *Ilha da Madeira*, Câmara Municipal do Funchal.
- PESTANA, Joaquim, 2010, *Poesias*, org. de Nelson Veríssimo, Câmara de Lobos.
- PIO, Manuel Ferreira, 1978, *O Monte – Santuário Votivo da Madeira*, 2ª ed, Funchal.
- PITA, Gabriel de Jesus, O Discurso Anti-clerical na Primeira República, in *República e Republicanos na Madeira • 1880-1926*, Funchal, 2011, pp.340-372.
- PORTO DA CRUZ, Visconde, “A Procissão do Voto”, *Arquivo Histórico da Madeira*, 1949, Vol. VII, pp.139-146.
- Notas & Comentários sobre a História Literária da Madeira*, vol. II, Funchal.
- 1954, *Trovas e Cantigas do Arquipélago da Madeira*, ed. autor.

- 1954 *Crendices e superstições do arquipélago da Madeira*, Aveiro, Edição do Autor,
- “Crendices e Superstições Madeirenses”, in *Das Artes e da História da Madeira*, nº 32, pp. 32-41.
- 1954; *Folclore Madeirense*, Funchal, 1955, pp. 37-63.
- RIBEIRO, Ana Maria, Rezas tradicionais, in *Xarabanda*, 1 (1991), 2 (1992), 3 (1993), pp. 17-21, 43-45, 53-54.
- RIBEIRO, Albino Pina, *Irmã Wilson – Vida – Testemunhos – Cartas*, Edição das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias, 2.ª Edição, Março de 2000.
- RIBEIRO, João Adriano; FREITAS, Eduardo, “Notas e Marcas. Festa de São Martinho”, *Girão*, 1990, Nº 4, pp. 146-153.
- RODRIGUES, António José, 1997, O Moleiro ganancioso e o diabo apostador, Funchal, *Xarabanda*, 12 (1997), pp.49-53.
- SAINZ-TRUEVA, José de, “Ex-Votos da Ilha da Madeira”, in *Islenha*, 29, 1997, pp.25-32.
- SANTOS, Eugénio dos, “A sociedade madeirense da época moderna: alguns indicadores”, *I Colóquio Internacional de História da Madeira*, Funchal, 1990 p. 1212-1225.
- SANTOS, Manuela (e FREITAS, Graça) “Biografia Padre Pita Ferreira”, *Girão*, 1989, N.º 3, pp. 77-78.
- SANTOS, Rui, “O Cemitério Israelita do Funchal”, *Islenha*, 1992, N.º 10, pp. 125-164.
- “A família Abudarham do Funchal”, *Islenha*, 1993, N.º 12, pp. 106-140.
- “Frei Pedro da Guarda na “Insulana” de Manoel Tomás”, *Girão*, 1991, N.º 6, pp. 241-243.
- SARMENTO, Alberto Artur, “A festa do Espírito Santo na Madeira”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1951, Vol. I, N.º 6, pp. 23-24.
- “Corpus Christi”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1949, pp.210-211.
- “O fundador do Convento das Mercês”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1952, Vol. II, N.º 10, pp. 19-20.
- SILVA, Abel A. da, *Seminário do Funchal. Algumas Notas sobre a sua História*, DAHM, vol. VI, nº.34-35, 1964-1865.
- SILVA, António Carvalho da, “Apontamentos sobre Gramáticas Madeirenses”, in *Islenha*, 18, 1996, pp.101-109, 1996, pp.159-170, 26, 2000, pp.68-77.
- SILVA, António Marques, *Minha Gente*, Funchal, 1985
- SILVA, Fernando Augusto da, *Paróquia de Santo António do Funchal*, Funchal, 2 vols., 1915-1916,
- Diocese do Funchal. Sinopse Chronologica, Funchal, 1945.*
- Colégio e Igreja de S. João Evangelista do Funchal. Breve Monografia Histórica, Funchal, 1947.*
- “Seminário do Funchal”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1964-65, Vol. VI, N.º 34, pp. 1-12, Nº 35, pp. 12-21.
- Subsídios para a História da Diocese do Funchal, volume primeiro. 1425-1800*, Funchal, 1946.
- 1978, *Elucidário Madeirense*, 2 vols. Funchal (Crenças populares, costumes antigos, mau olhado, Madeira (costumes de gentes do povo).
- SILVA, Margarida Macedo, “Francisco Álvares de Nóbrega: o mártir da calúnia”, *Islenha*, 1991, Nº 8, pp. 117-120.
- SILVA, Mariana Xavier da, “O beato Frei Pedro da Guarda”, *Girão*, 1991, Nº 6, pp. 244-246.
- SILVA, Pe. Dr. Abel A. da, “Seminário do Funchal- Algumas Notas sobre a sua História”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1964, Vol. VI, N.º 34-35, pp. 1-12, 12-21.
- SILVA, Fernando Augusto da, *Paróquia de Santo António do Funchal*, Funchal, 2 vols., 1915-1916
- *A diocese do Funchal. Sinopse Cronológica*, Funchal, 1945
- *Subsídios para a História da Diocese do Funchal, 1425-1800*, Funchal, 1946
- SOUSA, Álvaro Manso de, “Auto do Milagre do Bem Aventurado Apóstolo S. Tiago e Auto do Voto pela Cidade do Funchal ao mesmo Apóstolo lidos, convertidos em linguagem moderna”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1964, Vol. VI, Nº 34, pp. 36-38.
- “Sobre a procissão de Quinta-Feira de Endoenças”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1948, pp. 37-38.

“Algumas notas sobre Nossa Senhora do Monte”, *Das Artes e da História da Madeira*, 1948, pp. 22-23.

O Fato do Diabo. Curiosas Notas sobre a Misericórdia de Machico, in *Das Artes e da História da Madeira*, nº.5069, 5 de Maio de 1949, p. 234

SOUSA, Fernando Nunes de, “Catolicismo e liberalismo n’ “O Patriota Funchalense””, in *Lusitânia Sacra*, 2ª série, 3, 1991, 155-214.

SOUSA, João de, *O convento de Santa Clara do Funchal*, Funchal, DRAC, 1991.

“A peste no Funchal em 1521. O papel de Câmara de Lobos”, 1991, *Girão*, Nº 6, pp. 256-257

TESTA, Michael P., *O Apóstolo da Madeira*, Lisboa, 1963.

TORRES, Jorge, “A Nossa Senhora da Piedade”, *Xarabanda*, 1993, Nº 4, pp. 15-17.

TORRES, Jorge, *Para uma bibliografia madeirense cultura tradicional*, Funchal, 1995.

TRINDADE. Ana Cristina Machado, *A Moral e o Pecado Público no Arquipélago da Madeira na Segunda Metade do Século XVIII*, Funchal, CEHA, 1999

TORRES, Jorge, “A Nossa Senhora da Piedade”, *Xarabanda*, 1993, Nº 4, pp. 15-17.

VASCONCELOS, J. Leite de, *Etnografia Portuguesa*, Vol. IX, Lisboa, 1895

- “Assuntos insulanos, II. Romanceiro da Madeira” in *Opúsculo*, Vol. VI, Lisboa, 1938

VAZ, Fernando Carlos Azevedo, “S. Francisco do Funchal. A igreja, o convento, os frades”, in *DAHM*, 1948-49, IV, nº.23, 1956.

VERÍSSIMO, João Nelson, “A Confraria do Corpo Santo no séc. XVIII”, *Islenha*, 1992, Nº 10, pp. 116-124.

“A volta de um cruzeiro”, *Girão*, 1990, Nº 4, pp. 144-145.

“Confrarias: algumas questões sobre conflitos jurisdicionais na 2ª metade do século XVIII”, *Islenha*, 1994, Nº 14, pp. 26-31.

“Na roda do simbólico”, *Atlântico*, 1987, Nº 9, pp.61-70.

“A Festa do Espírito Santo”, *Atlântico*, 1985, Nº

1, pp.9-27...

“A volta de um cruzeiro”, *Girão*, 1990, Nº 4, pp. 144-145.

“O Espírito Santo nas Ilhas”, *Islenha*, 1994, Nº 14, pp. 61-71.

“Outros Judas”, *Girão*, 1991, Nº 6, pp. 249-250.

Vida do Apostólico varão Frei Pedro da Guarda popularmente chamado o sancto servo de Deus, Funchal, 1867

VIEIRA, Alberto, “As Constituições Sinodais das Dioceses de Angra, Funchal e Las Palmas nos séculos XV e XVII”, in *Congresso Internacional de História. Missionaçã Portuguesa e Encontro de Culturas*. Actas, Vol. I, Braga, UCP, 1993, pp.456-481.

“Funchal, bispado”, in *Dicionário de História da Igreja*, vol.I Lisboa, 2000, pp.281-288

Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas, Funchal, CEHA, 1995.

VIEIRA, Alice, 2011, *Os Profetas*, ed. Caminho, Lisboa.

WITTE, Charles Martial de, “Les Bulles d’Érection de la Province Ecclesiastique de Funchal”, *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. XIII, Funchal, 1962-63, pp.79-136.